

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: MODOS DE VIVER E DE
PERMANECER NO CAMPO
CAMPINA VERDE (1960 – 2003)**

GISLAINE ROCHA FÉLIX

GISLAINE ROCHA FÉLIX

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: MODOS DE VIVER E DE
PERMANECER NO CAMPO
CAMPINA VERDE (1960 – 2003)**

Monografia apresentada no Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Célia Rocha Calvo.

Uberlândia, Julho de 2004

Félix, Gislaine Rocha, 1978

Memórias e Histórias: modos de viver e de permanecer no campo – Campina Verde (1960-2002)

Gislaine Rocha Félix – Uberlândia, 2004

78 fls

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Célia Rocha Calvo

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras-chave: Memórias, Modos de Viver e Campo

GISLAINE ROCHA FÉLIX

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: MODOS DE VIVER E DE
PERMANECER NO CAMPO
CAMPINA VERDE (1960 – 2002)**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Célia Rocha Calvo - Orientadora

Prof. Ms. Sérgio Paulo Morais

Prof. Ms. Sheille Batista Soares de Freitas

Dedico este trabalho aos meus pais Gilvaldo e Maria Augusta, expressão de amor, dedicação, dignidade e luta para criar os filhos, oferecendo a nós, entre tantas outras coisas, condições para continuar o caminho que escolhemos.

À minha avó Maria Manoelina que sempre me acolheu e me abraçou em todos os momentos que precisei.

Ao Pablo Vinícius, meu namorado, e aos meus irmãos por sempre acreditarem em mim.

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas de uma forma ou de outra me incentivaram na realização deste trabalho. Pessoas que conheci ao longo desses cinco anos de graduação, amigos e amigas que conquistei ao longo de minha trajetória e que sempre se dispuseram a compartilhar comigo diferentes sentimentos, o meu obrigado.

À Célia Rocha Calvo que sempre acreditou neste trabalho e que com o passar do tempo se tornou mais que uma orientadora. A paciência e a dedicação que sempre teve ao agendar os horários de atendimento por saber que trabalho o dia todo. Agradeço pela maneira como dialogou comigo norteando os caminhos que eu poderia percorrer, o que para mim foi fundamental.

Aos professores Sérgio Paulo Morais e Sheille Batista Soares de Freitas por contribuírem com minha reflexão ao longo deste trabalho através de suas aulas e mini - cursos, e também por aceitarem prontamente participar da Banca Examinadora.

A todos os moradores rurais do município de Campina Verde que me emprestaram fotos, dialogaram comigo sobre o tema indicando pessoas para serem entrevistadas. A todos que entrevistei por terem tornado este trabalho possível e também por terem me proporcionado momentos únicos e prazerosos.

À minha amiga Renata Rastrelo e Silva, por todos os momentos que estive presente e atuante neste período de graduação. Por sempre me incentivar e me dar ânimo para continuar, principalmente neste trabalho.

À Rosana Maria Xavier, amiga que digitou todas as entrevistas após transcritas, facilitando muito minha pesquisa.

À Gilcivaine, minha irmã, por sempre me auxiliar na busca das referências bibliográficas.

Ao meu pai, Gilvaldo Félix, por ter me acompanhado em quase todas as entrevistas; por ter me levado a cavalo a vários lugares, por pegar carona de leiteiro comigo, por sempre me apresentar aos entrevistados de uma forma carinhosa fazendo com que as pessoas tivessem ainda mais vontade de colaborar.

“É preciso sempre tocar a vida em frente, de preferência que seja num lugar que a gente gosta, fazendo o que a gente ama”.

José Joaquim Filosino

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - VIVER NO CAMPO: LEMBRANÇAS E EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS	17
CAPÍTULO II – PERMANECER NO CAMPO: MUDANÇAS E EXPECTATIVAS.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72
FONTES UTILIZADAS.....	74
ANEXO.....	78

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Cozinha de uma casa de alvenaria

Figura 02 – Cozinha de uma casa de pau-a-pique

Figura 03 – Bomba d' água manual

Figura 04 – Massa de pamonha sendo temperada

Figura 05 – Amarrando pamonha

Figura 06 – Carro de boi

Figura 07 – Roça de arroz sendo limpada com carpideira

Figura 08 – Tirando Leite

RESUMO

Esta pesquisa aborda modos de viver e de permanecer no campo a partir de experiências referendadas nas memórias de pequenos proprietários, no período de 1960 a 2003. As narrativas são utilizadas para compreender o que permaneceu e o que mudou nos modos de vida desses sujeitos que escolheram o campo para viver, procurando perceber também o sentido que para eles têm o “esvaziamento” do campo, o que ocorreu com maior intensidade na década de 70. Desse modo, a questão fundamental que se coloca para nortear essa pesquisa é: Como esses sujeitos sociais que ficaram (re)elaboraram seus modos de viver para conseguir permanecer, estando atento também às condições em que estes trabalhadores se encontram atualmente. Para refletir sobre o que aqui é proposto foi escolhida como opção teórico-metodológica o uso da História Oral, uma vez que o propósito dessa pesquisa é escrever a história de Campina Verde a partir do olhar dos pequenos proprietários de terra, sendo assim, foi necessário ouvi-los.

Apresentação

O presente trabalho busca compreender os modos de viver e de permanecer no campo, a partir das lembranças / memórias de pequenos proprietários residentes no município de Campina Verde.

Campina Verde fica localizada no Triângulo Mineiro, faz fronteira com os municípios de Ituiutaba, Santa Vitória, União de Minas, Iturama, São Francisco de Sales, Itapagipe, Prata e Comendador Gomes¹. Comporta 19.100 habitantes, sendo que 13.411 residem na área urbana e 5.689 na área rural.² Quanto à hidrografia, possui como destaque o Rio Verde ou Feio, o Ribeirão dos Arantes e a bacia do Rio Grande.

As informações geográficas foram acrescentadas para melhor localizar o local a ser discutido. Sei que existem inúmeros dados que não foram mencionados, mas meu objetivo não é descrever o aspecto da região e sim compreender o que é esse viver no campo a partir das imagens referendadas na memória dos pequenos proprietários que em muitos momentos tiveram o modo de vida atropelado pelas políticas agrárias, pela inserção de máquinas, mas re(elaboraram), através de suas experiências, novas formas de ganhar o sustento necessário para lá permanecer.

Interessa, então, pensar os significados do **ficar, morar, trabalhar, permanecer** no campo para esses sujeitos sociais, buscando nas suas narrativas as estratégias de permanência utilizadas para continuar vivendo em um campo que não é igual ao que se tinha há 30, 40, 50, 60 anos atrás. Buscarei também nessas narrativas a razão pela qual muitas pessoas deixaram este local.

Meus pais são algumas das pessoas que contribuiriam para tornar este trabalho possível. Minha mãe mudou para o município que proponho estudar com 14 anos, antes morava em uma fazenda no estado de São Paulo. Já meu pai desde que nasceu vive no município de Campina Verde. Eles se conheceram, se casaram em 1975, tiveram três filhos, sendo que, a filha mais velha deixou os mesmos com dezesseis anos e veio para a cidade de Uberlândia com o sonho de estudar e

¹ Ver Anexo 1.

² Informações retiradas do site http://www.campinaverde.net/prefeitura/dados_gerais.htm, referentes ao ano de 2002. Arquivo capturado em 10/12/2003.

graduar, isso porque Honorópolis, distrito de Campina Verde, vilarejo em que estudou até 8ª série não oferecia condições para que a mesma realizasse tal desejo. Acredito não estar muito longe de realizar tal sonho, mas afinal, 11 anos de minha vida já se passaram. Meus pais, Gilvaldo Félix e Maria Augusta Rocha Félix, fazem parte dos sujeitos sociais que entrevistei para tentar interpretar a história não escrita dessa geração, uma história não escolhida para estar nos livros, talvez por não possuir “heróis”.

Assim, a motivação para a realização deste trabalho vem da minha própria experiência de vida. Sou filha de pequenos proprietários que lutam para permanecer no campo e retirar da terra o suficiente para viver. Eu, meus irmãos, e muitos outros filhos de pequenos moradores da região optamos por tentar a vida na cidade e deixamos essa geração diferente da nossa com sua experiência, com seus conhecimentos, a lutar por um modo de vida que não temos a intenção de partilhar.

Para pensar tais questões, algumas fontes foram utilizadas, tais como livros, textos informativos do município, fotografias e principalmente entrevistas orais, já que o meu interesse era trabalhar com a memória dos pequenos proprietários.

Tentei utilizar fotografias não como algo ilustrativo, mas como um documento histórico que marca o movimento do tempo e que referencia as mudanças vividas pelos sujeitos entrevistados, nos permitindo, assim, interpretar expressões e momentos vivenciados no campo. Sem falar que elas tornam alguns assuntos mais palpáveis, por aguçar nossa imaginação.

A foto assume aqui não seu lugar como representação, mas seu papel mágico como re-presentificação ao nos recolocar em presença de algo já distante, no tempo ou no espaço (...) a imagem aguça a memória, e nosso passado passa a ter uma existência concreta a partir dos retratos tirados. (MENEZES, 1997, p. 36 e 39).

Com esse intuito, utilizei oito fotografias, que foram conseguidas com moradores da região e com um primo meu que mora aqui em Uberlândia. Apesar de ter utilizado oito, consegui reunir trinta e uma fotos. O que me fez optar por utilizar uma e não outra foi o próprio caminho narrado pelas pessoas entrevistadas. Cheguei até as fotografias após muita conversa e boa vontade de todos os moradores rurais que queriam muito que meu trabalho pudesse ser concluído.

As fotografias por mim conseguidas com Milton Honório, meu primo, registram cenas de trabalho. Perguntei a ele porque tira fotografias como estas, pois possui um acervo considerável e de diferentes lugares e ele me disse que gosta de sempre fazer relação entre o antes e o depois, pois as coisas mudam rápido demais, e infelizmente não conseguimos lembrar de tudo que vemos. Para ele, então, as fotografias são um registro de um lugar que esteve, em uma determinada data. É interessante o cuidado que ele tem com esses registros, pois a maioria das fotografias estão catalogadas, possui a descrição do que estava sendo registrado e são datadas.

Outra fonte por mim utilizada, como antes mencionado, foi a oral. Acredito que as fontes orais são extremamente necessárias para este trabalho, uma vez que estou trabalhando com pessoas que não têm o hábito da escrita e que, em sua maioria, só conseguem assinar o nome. Isso vai ao encontro do que disse Alessandro Portelli:

Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônica, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante (...). (PORTELLI, 1997, p. 37).

Então realizei onze entrevistas com pequenos proprietários que possuem trajetórias diferentes, mas experiências compartilhadas. As trajetórias são diferentes por alguns terem vindo de outro estado, por terem vindo de outra região, sendo que outros sempre moraram no local onde residem até hoje e as experiências são compartilhadas por terem no campo a referência de morar, trabalhar, viver da e na terra. Além das entrevistas que gravei, conversei, ouvi os moradores que da sua maneira quiseram contribuir com meu trabalho.

Gostaria de salientar que a opção metodológica da pesquisa pelas fontes orais também possui como objetivo trazer mais elementos que permita aprofundar o debate acerca da legitimidade da História Oral, que tanto é questionada no meio acadêmico. Particularmente acredito que ela inova a produção teórica de História, pois possibilita pensar uma nova concepção, a qual vai além dos registros escritos, pois o contato que o historiador possui com esse tipo de documento é “frio”, não

pode perceber expressões, indagar a mais do que está dado, registrado. Já as narrativas orais trazem histórias e memórias não hegemônicas.³

Também acredito ser relevante ressaltar que as fontes orais são cruciais para discutirmos historicamente a temporalidade, pois as entrevistas abrem caminhos para pensarmos e trabalharmos, por exemplo, a noção de fato histórico. Se cada pessoa traz em sua experiência e em suas narrativas, elementos de sua cultura impregnados de seu próprio ponto de vista, forjado em convívio e em conflito na dinâmica social, não só dizem que, na narrativa, dispomos menos de fatos reconhecidos como tais, do que de textos, de enredos, como também, que estes, a seu modo, são também fatos, ou seja, dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados. Nesse sentido, tendemos a tratar sonhos, expectativas, propostas, projetos, fabulações, trazidos por nossos interlocutores, como fatos, possíveis de reflexão objetiva, oferecendo indícios de possibilidades alternativas na realidade social.⁴

Trabalhar com fontes orais me permitiu perceber e refletir sobre os sentidos e significados da memória, possibilitando várias interpretações das possíveis expectativas criadas e trazidas em meio às lembranças dos pequenos proprietários. A memória é seletiva, é reelaborada o tempo todo, o entrevistado busca no passado exatamente o que quer dizer, ou seja, (...)“as fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”. (PORTELLI, 1997, p.31). O que o historiador precisa fazer é interpretar essas narrativas. A entrevista mesmo sendo uma experiência de vida individual, traz grandes contribuições para a reflexão histórica. Como diz Portelli, (...)“à memória (...) ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”. (PORTELLI, 1997, p.16).

Quando me propus a trabalhar com fontes orais, tinha uma noção que o caminho a ser percorrido não era fácil, mas também não imaginava que seria tão instigante. A fonte oral nos convida a lidar com o sensível, com o humano, com o

³ ALMEIDA, P. R. & KOURY, Y. A. A História oral e memórias: Entrevista com Alessandro Portelli. **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, nº 25 e 26, Jul / Dez 2001 - Jan / Jul 2002, p. 27-54.

parcial, mas dentro de uma lógica⁵. Quem se propõe a trabalhar utilizando fontes orais, deve estar aberto e atento às reelaborações que os entrevistados produzem, fazendo-se fundamental entender e analisar as narrativas para, então, compreender a trajetória, as vivências, as experiências e os valores, dos sujeitos históricos entrevistados.

Ao propormos trabalhar com fontes orais, devemos assumir quais são os nossos objetivos, o que procuramos questionar, o que queremos aprender⁶, pois os sujeitos investigados vão recompor suas memórias e elaborar suas respostas de acordo com as indagações que lhe foram feitas. A trajetória, a experiência de cada um é que irá determinar a contribuição para o que está sendo investigado.

Para tanto, o conceito de experiência formulado por Thompson é fundamental para este trabalho. Segundo ele, a experiência não é experimentada pelos sujeitos históricos apenas no campo das idéias, mas também como sentimentos, os quais estão presentes na cultura, como normas e valores (THOMPSON, 1981, p.185). Isso quer dizer que os pequenos proprietários aqui investigados são agentes de suas histórias e não são meros espectadores.

A leitura do autor Raphael Samuel, propiciou mais uma inspiração no processo de investigação histórica ao discutir história local e história oral. A leitura desse autor nos permite dizer não podemos supervalorizar ou subjugar a história oral, pois é uma fonte que possui, como qualquer outra, suas interrogações próprias. *“As fontes, uma vez que um projeto tenha se iniciado, são infinitamente variadas (...) Mas as fontes nunca são tão ilimitadas a ponto de o pesquisador perder-se nelas”*(...). (SAMUEL, set/1989 / fev/1990, p. 220). Esse autor ainda salienta que o historiador local estará utilizando a reflexão acumulada sobre sua experiência de vida para analisar o processo histórico.

Assim sendo, tenho consciência que a história oral não pode ser acatada como sendo recomposição íntegra do passado, pois a memória não consegue

⁴ KHOURY, Y. A. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. **Revista Projeto História**, São Paulo, nº22, jun. 2001.

⁵ Para compreendermos melhor a lógica histórica, faz-se necessário remeter ao trabalho de THOMPSON, E. P. A lógica histórica. In: _____ **Miséria da teoria ou um Planetário de Erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 61.

⁶ PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, nº15, abril 1997, p. 29.

abarcando todos os fatos transcorridos, mas me tranquilizo ao pensar que nenhuma fonte histórica consegue fazer uma recomposição fiel.

Outra contribuição teórica importante é a de Yara Khoury. Seu texto, **Narrativas Orais na Investigação da História Social** é fundamental para compreendermos a importância da narrativa para a construção da história. A autora diz que:(...) *“mais do que buscar dados e informações nas fontes, nós as observamos como práticas e / ou expressões de práticas sociais através das quais os sujeitos se constituem historicamente”*. (KHOURY, 2001, p.81).

Assim, a história oral se faz necessária para que possamos compreender um pouco da experiência dos pequenos proprietários do município de Campina Verde. Para entendermos a realidade desses sujeitos ao longo de suas experiências, KHOURY ainda sugere que é necessário:

(...)“identificar e explorar tênues vestígios ou nuances perdidas nos meandros dos enredos construídos pelos entrevistados, reconhecendo, naquilo que nos parece estranho, elementos de suas culturas, com profundos significados nos seus modos diários de ser, de pensar e de fazer”. (KHOURY, 2001, p.98)

Com este trabalho, a tentativa foi seguir a proposta de Khoury de (...)“*produzir um conhecimento histórico que crie um canal entre a vida e a história, que crie um canal de visibilidade desses sujeitos, onde a nossa interpretação também ajude a construir a história*”. (BATISTA, 2003, p.23)

No primeiro capítulo, busco discutir como os sujeitos investigados construíram suas imagens de campo modificado, uma vez que este “campo”⁷ é muito mais que uma mera unidade de produção, por ser um lugar construído historicamente. Procuro compreender também como percebem o presente em relação ao passado, isso para discorrer sobre suas experiências de vida e como que através destas explicitam o fato de muitos pequenos proprietários terem perdido a terra e, posteriormente, ter ocorrido um “esvaziamento do campo”. Que práticas permaneceram e quais tiveram que ser modificadas para que esses moradores conseguissem ficar no campo é um ponto central a ser investigado.

⁷ Essa construção pode ser percebida na obra de WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a cidade na história e na literatura**. Trad: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

No capítulo seguinte, discuto o por que ficar e que valores culturais estão ligados a esta opção. Para ficar tiveram que mudar a produção, então o que mudou? Como estão vivendo e quais expectativas possuem? Busquei compreender o que significa para esses antigos moradores continuar a viver em um lugar, no qual os grandes latifundiários é que são ouvidos e apoiados.

Capítulo I

Viver no Campo: Lembranças e Experiências Compartilhadas

*Aqui pode até num céu o paraíso, mais pra mim é o mió lugar do mundo, porque fui nascido e criado aqui, e tudo que tenho foi construído em riba desse pedacinho de terra. Então é em cima dele que quero ficá até meus último dia.
(Dinovan)*

O Senhor Dinovan sempre viveu no campo. Sua residência atual se situa a aproximadamente dois quilômetros do local onde nasceu e foi criado. É um senhor de 59 anos que vê a terra como algo sagrado que lhe possibilitou constituir e cuidar da família. Para ele o lugar onde vive não é somente um lugar, pois ele se sente como uma peça constituinte do mesmo, ou seja, persiste em morar no campo porque tem firmado neste, seu modo de viver e o tem com o campo um sentimento de pertencimento.

Neste capítulo, busco interpretar esses sentidos e sentimentos por meio das narrativas de pequenos proprietários, como o Senhor Dinovan, para pensar as mudanças que vieram ocorrendo no campo com o transcorrer dos anos, uma vez que este campo¹³ é muito mais que uma mera unidade de produção, tendo em vista que é um lugar construído historicamente por esses sujeitos.

Desse modo, tentarei trabalhar com a relação estabelecida entre presente/passado para explicitar as diferenças existentes quando comparamos o antes e o depois nas narrativas e memórias desses sujeitos, buscando compreender a interpretação que dão ao lembrar que o campo possuía muita gente e com o passar dos anos ficou vazio, procurando perceber como estes pequenos proprietários que optaram pelo ficar explicam este esvaziamento que está ligado ao fato de uns terem perdido a terra/vendido para o Banco do Brasil.

¹³ Quando menciono a palavra “campo” não estou querendo me reportar meramente ao lugar geográfico, e sim a imagem de campo construído historicamente, isto é, nas relações sociais dos narradores envolvidos. Ver mais sobre o assunto em WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a cidade na história e na literatura**. Trad: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Na entrevista que realizei com o Senhor Dinovan, casado, pai de quatro filhos, pude perceber em vários momentos a relação que estabelece com a terra e com a natureza. Como o Senhor Dinovan, existe o Senhor Valtair, o enhor Gil, o Senhor Juca, a Dona Lázara, a Dona Carmita, a Dona Maria Olímpia, a Dona Maria Augusta, o Senhor Antônio, que também são pequenos proprietários rurais e se sentem como parte do local em que vivem e por isso sempre (re)elaboram maneiras para conseguir permanecer onde estão. Essas pessoas que entrevistei expressam e compartilham uma experiência social em comum, na qual a terra aparece como a responsável pela constituição de todo o seu modo de vida, pois já tiveram desde o nascimento suas vidas voltadas para ela.

Dos entrevistados, somente dois nasceram em outro estado, Dona Maria Augusta e o Senhor Antônio. Por coincidência, ambos nasceram no estado de São Paulo. A Dona Maria Augusta veio para Minas já adolescente, com quatorze anos mudou-se com a família para as terras vizinhas da que mora atualmente. Já o Senhor Antônio, primeiramente mudou-se de Campinas, com a família, para uma fazenda pertencente ao município de Três Corações, nessa época tinha apenas dois anos, depois, já com doze anos, mudou-se para o município de Campina Verde para a fazenda em que habita até os dias de hoje.

Minha família é do Estado de São Paulo, eu mudei pra cá com catorze anos. Na época veio a gente e, todos tio com a famia. Veio o tio Gabriel, o tio Nadir, o tio Alcides, o tio João, o tio Dilino, o tio Francisco, avó, veio todo mundo da nossa família junto. Num ficô ninguém pra traiz.¹⁴

O que podemos refletir pela fala de Dona Maria Augusta, 48 anos, casada, mãe de três filhos, é que sua trajetória de vida é comum se comparada à trajetória de seus irmãos, primos e de muitos que se mudaram para Minas Gerais buscando um pedaço de terra para cultivar. Ela me disse que a sua família inteira se mudou para onde vivem atualmente porque o tio dela, o Senhor Gabriel, veio trabalhar como tratorista na região e achou as terras muito propícias para plantio, então, propôs aos irmãos, que são seus tios, a compra de uma fazenda, que foi possível unindo o que eles tinham e posteriormente se dividiu as terras entre eles.

¹⁴ Entrevista realizada com Maria Augusta Rocha Félix em Agosto de 2003.

Dona Maria Olímpia é mineira, mas só veio morar na região onde vive atualmente com oito anos de idade. Anteriormente ela morava em Lurdes, cidade do sul de Minas Gerais. Quando criança morou em terras que não eram de seus pais e, segundo ela, o amor que tem pela vida que leva incentivou-a a trabalhar mais que o normal para conseguir comprar seu próprio pedaço de terra.

Já Dona Lázara, 60 anos, divorciada, mora na fazenda onde nasceu, disse que se ausentou da mesma somente por um período de oito meses quando tentou morar na cidade de Iturama, experiência que não foi bem sucedida.

(...) Quando eu era minina, nossa casa era do otro lado do corgo ali, mais era bem mais perto do brejo pra mamãe prantá a horta. (...) Pode dizê que eu morei toda minha vida aqui, porque oito mês, perto do que eu já vivi, num conta.¹⁵

Na fala de Dona Lázara, além de sua vontade em nos afirmar que pertence ao campo, ao dizer que nem considera a experiência de vida que teve em outro lugar, conseguimos perceber que para cultivar hortaliças era necessário escolher uma terra adequada. Não podemos desconsiderar o saber que está embutido nesta escolha, pois são em tarefas como estas que os moradores rurais conseguem construir condições que os possibilitam permanecer no campo.

Assim como Dona Lázara, o Senhor Gil, o Senhor Dinovan, a Dona Terezinha, o Senhor Valtair, sempre moraram próximos ao local em que vivem até hoje. Lembram-se dos vizinhos, de como eram as fazendas, o que faziam aos domingos e feriados e uma coisa que podemos dizer que os entrevistados possuem em comum, neste primeiro momento, é justamente o local que escolheram para viver.

O Senhor Juca Filosino, a Dona Maria Olímpia e a Dona Carmita, já tiveram vivências diferentes, ou seja, não vieram de outro estado, sempre viveram em Minas Gerais. O Senhor Juca, 87 anos, viúvo¹⁶, mudou com os pais para a fazenda em que reside até hoje quando tinha apenas dois anos de idade, antes morava perto do povoado de Minjolim, que atualmente é um distrito do município do Prata. Podemos dizer que toda sua experiência de vida se deu ali naquele local que para ele é um lugar povoado de lembranças.

¹⁵ Entrevista realizada com Lázara Martins Freitas em Janeiro de 2004.

Tudo que ocê quisê sabe daqui eu posso te fala, porque eu cresci aqui, então eu posso lembra de tudo. Eu lembro das mata que a gente teve que ranca pra planta, eu lembro de quando a gente feiz essa casa, de quando eu coloquei energia, quando a gente coloco água encanada, quando planto aquele pé de manga ali (...)¹⁷

Já o Senhor Joaquim nasceu no campo e atualmente mora em Campina Verde.

Nasci em 04 de maio de 1918, aqui perto, numa fazenda perto de Minjolim. Eu fui o sexto filho, minha mãe teve doze. (...) Aí meu pai vendeu a fazenda comprô uma chácara encostada aqui em Campina Verde, que naquela época chamava Monte Belo¹⁸, e também uma casa ali perto de onde é o asilo hoje. Aí mudamos todos para cá (...). Mais naquela época aqui era um lugar muito piqueno, só tinha a Igreja, o colégio, e umas casa pingada aqui e ali, a cidade ainda tava começano (...)¹⁹

A narrativa do Senhor Joaquim Mamede, 87 anos, pai de nove filhos, contribui para pensarmos as relações estabelecidas em torno das cidades. Qual era a importância do campo para a cidade décadas atrás e como é esta relação atualmente. Ele ao longo de sua narrativa diz que (...)” em 1930, 1940, até 1960 mais ou menos, as pessoas que morava na roça num dependia da cidade pra vive não, agora quem vivia na cidade dependia muito da roça.”²⁰

As narrativas desses diferentes sujeitos sociais possibilitam pensar o campo sendo reconstituído nos referenciais de suas memórias. Nesse sentido, a fala do Senhor Juca nos instiga a pensar como era viver no “campo antigamente”.

As coisa por aqui hoje, é diferente em tudo que ocê pode pensá. Quando era minino o que existia aqui era croa. Foi o papai, eu e meus irmão que foi cum jeito fazeno o que existe hoje. Procê ter noção, quando eu casei²¹ morava numa casa feita de capim logo ali adiante. Tinha dia que a gente dexava lenha queimano só pra onça num chegá perto, pois onça num vem onde tem fogo. Mais nessa época tinha muita variedade de bicho e passarinho, dava gosto de vê. Hoje sumiu tudo porque os mato acabo. Naquela época o que tinha era mata fechada. (...)²²

¹⁶ Sua esposa faleceu em novembro / 2003.

¹⁷ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

¹⁸ A imagem que seu Joaquim possui da cidade é anterior a 1934, pois foi neste ano que Campina Verde foi emancipada.

¹⁹ Entrevista realizada com Joaquim Mamede Soares em Dezembro de 2003.

²⁰ Entrevista realizada com Joaquim Mamede Soares.

²¹ No desenrolar da entrevista o Sr. Juca me disse que havia se casado em 1939. Estou citando este ano somente para termos noção a que época ele está se referindo.

²² Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

O que pude olhar e perceber enquanto o Senhor Juca narrava aquele lugar no passado eram as diferenças. Não consegui visualizar nenhuma mata fechada por perto enquanto falava, o que conseguia enxergar era pasto e algumas árvores espalhadas ao longo da paisagem, os animais ali presentes eram vacas e um cavalo. Sabemos que a natureza não passa por transformações bruscas ao longo dos anos se não existir a ação do homem. Então, a vegetação e a terra são evidências da experiência de vida do Senhor Juca que se deu naquele local.

(...) as coisas não era igual ocê olha aí pra cima e vê não. Num tinha tanto pasto assim. A gente quando ia fazê alguma viagem, andava o dia intero de cavalo sem se quer ver um limpero. O povo pegô prá acabá com as mata mesmo de 60 pra cá. O Gustavão²³ desmatou aquela fazenda dele que fica ali perto do Joaquim Fonte em 63, se eu num tô enganado ele começô no mês de Julho.²⁴

Essa é outra fala do Senhor Juca que nos leva a pensar que o lugar social que ele viveu no passado foi modificado e que as mudanças presenciadas por estes trabalhadores não alteraram somente o cenário onde se encontravam inseridos, pois existiram acontecimentos que, além de modificar o modo de vida desses sujeitos, mexeram com os sentimentos deles e fez com que valores fossem mudados, atos repensados.

Tudo era diferente, de 50 até 60 foi a época que mais mudô gente pra cá. Foi uma época boa, que o povo tava cheio de esperança. Mais também ninguém tinha luxo nenhum. Morava era em casa de pau a pique, pegava água na bica ou furava uma cisterna; era outra época.²⁵

Dona Maria Olímpia, 62 anos, casada, mãe de duas filhas, narra sobre essas mudanças:

Quando eu mudei pra cá eu tinha oito ano, mais eu lembro de tudo. A única coisa que tinha limpo era o lugar que meu pai tinha fincado a casa, o restante era tudo mato, e nós minino, murria de medo de algum bicho pegá a gente. Naquela época tinha onça, muito lobo, muitos bicho por aqui. Num era igual ocê vê hoje, não, esse limpero. A vida era outra. A casa que a gente morava era de madeira ruliça, de pau pegado na mata mesmo. A porta era feita de pau a pique também, a única diferença das parede, era que não era fincado no chão.²⁶

²³ Este era um dos maiores proprietários de terra da região. Atualmente é muito rico, mas já doou parte dos bens que possuía aos filhos.

²⁴ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

²⁵ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino. em Janeiro de 2004.

²⁶ Maria Olímpia da Silva Oliveira. Foram realizadas duas entrevistas, uma em 06/08/03 e outra dia 08/01/04.

Dona Maria Olímpia utilizou as lembranças que possui de quando se mudou para o campo, no qual vive até hoje, descrevendo como era o espaço da moradia, o modo como viveu, a fim de comparar com a vida presente. Em sua fala os referenciais culturais existentes expressam a relação passado/presente. Ela parte da idéia do “limpero” para dizer, assim como o Senhor Juca, que no lugar onde vive já existiram matas e que estas eram povoadas por pássaros e animais e também para dizer que o viver no campo, durante a infância, não é igual ao de hoje.

Outra lembrança sobre mudança também é demarcada na construção das estradas, como narra dona Maria Augusta:

Quando a gente comprô aqui, tudo era mato, e mato bem fechado, nós num andava sozinho dijeito nenhum, só andava com o pai ou a mãe. Porque tinha muito bicho e era pirigoso. Do tio Gabriel até lá no Bruninho era tudo de um dono só, e ele não mixia cum nada, por isso que era tudo mato. E foi essas terra que o pai, o tio Alcide, o tio João, o tio Nadir, o tio Tõe e o Bruninho comprô. (...) No início, antes de fazê as estradas, veio um homem pra abri as passagem no meio da mata cum facão, e era esses trio que a gente tinha pra í na casa um dos outro, e tamém pra pegá a rodovia.²⁷

As referências que Dona Maria Augusta possui do lugar onde viveu e vive atualmente são referências do que mudou e não são diferentes das de Dona Maria Olímpia, do Senhor Juca e de Dona Lázara. Quando ela chegou à região, no ano de 1970²⁸, o que existia nas terras que seu pai e seus tios haviam comprado era mata fechada. A construção dos trilhos, das estradas, foram lembradas como necessárias para conseguir ter uma melhor condição de vida e vieram acontecendo com o passar dos tempos.

Já o Senhor Dinovan teve uma trajetória diferente da de Dona Maria Augusta e assinalou em sua narrativa outros aspectos das mudanças vividas:

Eu sempre vivi aqui, e sô apaixonado por este lugar. Pra minha vida acho que as coisa num mudô quase nada. Mudô assim, as terra tão mais fraca, porque antes tinha muito mato, a gente rancava tudo no inchadão, fazia caiera e queimava aquilo e prantava (...). Agora hoje num tem mais mato nem nas bera de corgo né, dirá no alto, e eu lembro que eu ajudei o papai a limpá tudo isso aqui, aqui era mais fechado que uma reservinha que tem ali.²⁹

²⁷ Entrevista realizada com Maria Augusta Rocha Félix em Agosto de 2003.

²⁸ Cheguei a esta data porque a narradora tem 48 anos, nasceu em 20/07/1956 e mudou para Minas Gerais, lugar que vive atualmente, com 14 anos.

²⁹ Entrevista realizada com Dinovan Martins da Silva em Janeiro de 2004.

Por mais que o Senhor Dinovan diga que a vida dele quase não mudou, ele mesmo, em seguida, contrapõe esta idéia dizendo que foi um dos agentes transformadores do que representa aquele lugar no presente, pois se antes o que existia era mata fechada, hoje elas nem existem mais, nem se quer as matas ciliares que são de extrema importância para a preservação dos recursos hídricos.

Como sujeitos sociais esses narradores nos dizem que foram agentes de muitas mudanças que se deram no âmbito do trabalho e da cultura. O que diferencia os relatos são os fatos lembrados por cada um e a maneira como cada um interpreta determinado acontecimento. O Senhor Valtair, 83 anos, pai de seis filhos, também foi um dos entrevistados que trouxe essas mudanças como expressão da história do lugar onde vive utilizando a paisagem como referencial.

Eu ajudei a construí no enxadão essa estrada que liga Campina Verde à Honorópolis. Teve um dia que nós trombamo com uma árvore tão grande que demoramos o dia intero pra rancá, era eu e mais dois. (...) eu ajudei a construi as primeira casa daqui tamém.³⁰

A interpretação que podemos realizar por meio das narrativas do Senhor Valtair e do Senhor Juca é que o cenário descrito é muito diferente do que pode ser visto hoje. Eles utilizam a paisagem como referencial para delimitar o tempo da memória, uma vez que a idéia por eles expressa é de que a paisagem natural foi sofrendo alterações de acordo com as necessidades de adequação dos seus jeitos de morar, o que evidencia uma paisagem transformada, um espaço ou um lugar construído de acordo com as necessidades de trabalho e de vida.

Mesmo quem conhece a região só de passagem consegue perceber pela fala do Senhor Antônio as mudanças que ocorreram na paisagem. Todavia, temos que pensar que essas mudanças não aconteceram somente externamente, pois para se chegar ao que é possível visualizar hoje, muitos fatos aconteceram, pois as terras da região eram “terra bruta”.

Eu só fui conhecê o que era trabaio mesmo, quando a gente mudô pra cá, nós mudamo no dia 15 março de 54. Aqui era um lugar bão de água mais num tinha mais nada além disso e cerrado. A gente que teve que fazê tudo. Mais a vida num foi difícil só prá nós, todo mundo que mudô pra essa região, nessa época, encontrava a terra bruta.³¹

³⁰ Entrevista realizada com Valtair Oliveira Medeiros em Janeiro de 2004.

³¹ Entrevista realizada com Antônio Ferreira de Souza em Agosto de 2003.

Na década de 1950³², o cerrado era a vegetação predominante, as ferramentas que os moradores possuíam para trabalhar eram manuais, isso fica bem claro na fala do Senhor Valtair, ao dizer que ajudou a construir uma estrada que possui uma extensão de 66 km, no enxadão.

Outra referência de mudança muito presente nas narrativas dos sujeitos diz respeito à vida diária e como ela estava ordenada de acordo com as possibilidades existentes, seja em termos de equipamentos, utensílios domésticos. As casas dos sujeitos aqui investigados eram bem diferentes. Moravam em casas feitas de capim e madeira e, atualmente, praticamente todas as casas são feitas de alvenaria.

De todas as casas que visitei para realizar as entrevistas, a única que ainda é feita de madeira é a do Senhor Dinovan. A casa em que mora é uma casa pequena, com sala, dois quartos, cozinha e área de serviço conjugada. O último cômodo mencionado comporta uma cisterna, um tanque com batedouro de madeira, um giral de madeira, um fogão a lenha, uma banca feita pelo próprio proprietário, uma prateleira, uma mesa, utensílios de cozinha e dois bancos grandes de madeira. O piso é chão batido. É um lugar simples, onde a organização da casa e as tarefas cotidianas são realizadas de acordo com os recursos que possuem disponíveis.

Outros, porém, moram diferente. A partir da imagem registrada na figura 01 e do depoimento de Dona Maria Augusta, a qual disse que todos de sua família ao mudar para a região foram morar em casa de pau a pique, de chão batido e que não tinha nem se quer portas, podemos dizer que a sua tia mora em uma casa bem diferente da que nos contou. Como podemos perceber pela imagem é uma casa de tijolos e que não mais possui o chão batido como antes. Também podemos perceber através da fotografia que, apesar de todas mudanças estruturais, sua tia não quis abrir mão do fogão à lenha. Dona Trindade, não quis gravar entrevista, mas na conversa que tivemos disse que *“A cumida feita no fogão a gás tem outro gosto, parece que panha o chero do gás”* e que por este fato prefere o fogão à lenha.³³

³² Consegui chegar a esta data através da fala de Dona Maria Olímpia que disse ter mudado para a região com oito anos e atualmente ela possui 62 anos.

³³ Trindade de Sousa. Janeiro de 2004.



Figura 01: Dona Maria Manoelina perto do fogão à lenha na casa da irmã Trindade, que mora próxima a casa da filha Maria Augusta.
Acervo particular do Senhor Milton Honório.
Agosto de 1983

Já Dona Maria Augusta, sobrinha de Dona Trindade, que aparece cozinhando no fogão à lenha da figura 02, quando mudou para sua casa de lajes, em 1986, permaneceu cozinhando a lenha por onze anos. Depois desfez o fogão à lenha que se situava na cozinha e construiu pequenas fornalhas na área de serviço, uma grande para lidar com porco e fazer doces e outra menor para cozinhar feijão. Alega que desfez o fogão devido à escassez de lenha.



Figura 02: Dona Maria Augusta cozinhando em seu fogão.
Acervo particular do Senhor Milton Honório.
Março de 1983

Por estas imagens da vida diária é possível perceber que mesmo na organização da casa há mudanças que marcam o antes e o depois no modo de viver desses pequenos proprietários rurais. Em muitas residências nem mais existe o fogão à lenha e uma das prováveis causas de sua extinção é a falta da própria madeira para consumo, pois não existem mais matas e, conseqüentemente, não existem mais madeiras.

Se antes um pai de família ia na “mata fechada” e derrubava árvores e conseguia madeira suficiente para construir uma casa, hoje não tem madeira para alimentar um fogão à lenha e nem para se fazer uma cerca. *“Pra fazê essa cerca aí ôh, eu tive que comprá 100 lascas de madeira”*³⁴.

Apesar de partilhar experiências sociais comuns, as pessoas entrevistadas se reportam às mudanças de uma maneira única, até mesmo por experimentá-las em temporalidades diferentes.³⁵

³⁴ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

³⁵ É possível compreender a relação existente entre memória e história oral em ALMEIDA, P. R. & KOURY, Y. A.. A História oral e memórias: Entrevista com Alessandro Portelli. **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, nº 25 e 26, Jul / Dez 2001 - Jan / Jul 2002, p. 27-54.

Nesse sentido, a energia elétrica é outro referencial de mudança apontado pelos narradores.

O Senhor Dinovan é o único entrevistado que ainda possui a lamparina como fonte de iluminação, todos os outros já deixaram as candeias, os lampiões e as lamparinas de lado. Claro que uns puderam usufruir da energia elétrica primeiro, outros já demoraram um pouco mais, pois sua presença nas casas foi algo que aconteceu em momentos diferentes para esses moradores rurais. Muitos que moram nesta região ainda não possuem energia elétrica por questões financeiras, haja vista que pequenos proprietários só conseguem colocar este recurso em suas propriedades se solicitarem em grupo, fazerem um pacote, pois se não for assim não possuem verba suficiente para custear tamanho investimento.

O Senhor Juca, disse que foi o primeiro morador do município de Campina Verde a colocar energia elétrica:

(...) Nada era igual hoje, muita coisa mudô, o que tinha era lamparina, candeia. Tinha umas candeia de ferro, punha um pavio de algodão, colocava aí azeite, banha de porco, óleo de mamona, era assim, em 79 que eu mixi com colocá energia aqui. Há primeiro momento eu queria colocá financiado, mais dessa forma podia demorá até dois ano, então perguntei se fosse colocá a vista, e me disseram que no máximo 60 dia. Disse que mandava midi aqui no outro dia, aí eu podia i lá um dia depois pra sabê o resultado. Quando cheguei lá, já fizeram o contrato. Foi o Zé Honório e o Realinho que assinou pra mim. Assinei, paguei, aí ficamo só esperano, aí já falaram que o prazo máximo era de 90 dia. Quando feiz 60 dia, eles incostaram o caminhão aqui. E eu já tinha dado um jeito de arrumá toda a instalação aqui dentro. O primeiro dia nós acendemo todas as luiz pra sabe como é que tava, primeiro que deu uma chuva braba rapaiz, que deu um istalo tão grande, que deu uma lambada aqui dentro que feiz lape, e queimó tudo contuá. O trem foi tão forte que arrebtou o para-raio e jogô pedaço no chão. Ah, no contrato eu tenho declarado que foi a primeira energia que nasceu no município de Campina Verde pela Cemig, foi declarado né.³⁶

Neste recorte, o Senhor Juca Filosino dá maior ênfase à questão da iluminação, porém, já nos deixa margem para pensar outras modificações que ocorreram em seu cotidiano com a chegada da energia elétrica. Devido a esta chegada em sua casa, a lamparina, a candeia foi encostada em 1979. Aproveitando a fala do Senhor Juca, na qual diz que (...)“foi a primeira energia que nasceu no município de Campina Verde”(…) e pensando no Senhor Dinovan que até hoje não

³⁶ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

utiliza este tipo de iluminação, percebemos que existem diferenças nos modos de vida desses pequenos proprietários.

(...) pro'cê tê noção o lampião aqui em casa deve tê durado uns 10 ano mais ou menos, porque hoje eu tenho ele ali mais num tá funcionano mais, então deu um probreminha ele num tá funcionano mais, num sei o que é qui ele sofre. Porque toda minha vida aqui em casa foi iluminada por lamparina, depois que os minino cresceu um poquinho que eu comprei um lampião, aí ele estragava, eu comprava outro, estragava, eu mandava arrumás. Agora esse aí estragô e eu num mandei arrumá e nem comprei outro [risos] acabei voltano pra lamparina di novo. Essa graças a Deus num faia e é mais economizadora. Tem dia que ela fica muito emburradinha eu dou uns conseio pra ela e ela resolvi iluminá mais um pouco. O fogão de lenha da uma forcinha e nós vai tocano a vida em frente.³⁷

O Senhor Dinovan vive de maneira diferenciada de muitos moradores rurais, mas não é o único a não possuir luz elétrica, tv, geladeira, eletrodomésticos que precisam de energia elétrica para funcionar, talvez por nem ter recursos para tal. Por isso, preserva práticas³⁸ / costumes em seu dia a dia que já se perderam na vivência dos outros moradores.

É interessante pensarmos como estes recursos, quais sejam a lamparina, o ferro a brasa, forno de tijolo, candeia, que supriam as necessidades foram sendo rotulados como obsoletos com a chegada de alguns equipamentos modernos e aos poucos foram sendo retirados da rotina diária.

*Eu ainda não abandonei o ferro a brasa, ele é trabaioso, mais funciona; as nossa ropa nova é tudo passada e nem o forno de tijolo pra assar quitanda, sê precisa vê o tanto que o pão de queijo assado nele fica bão, corado. A minha namorada, eu mesmo, só faiz bolo bateno na mão, não acho que precisa de tanta coisa pra fazê bolo. E pra lavá ropa a gente usa a escova, já melhorou porque antes era tudo lavado cum sabuco.*³⁹

As mudanças apontadas nas narrativas dos pequenos proprietários perfazem muitos âmbitos, como podemos perceber na fala do Senhor Gilvaldo:

Do meu pai, da mãe, de nós minino pra hoje, mudou 99,9% . Porque naquele tempo nem banheiro a gente tinha im casa, não existia banheiro. Tomava banho era di trais de uma bananeira, numa água quentada no fogão de lenha, com uma lamparina. Se tivesse ventano tomava banho era no escuro, pois a lamparina apagava. Agora hoje, hoje eu chego dentro da minha casa, vô lá ligo o chuveiro. Se eu quisé no frio eu ponho se eu quisé morno eu ponho,

³⁷ Entrevista realizada com Dinovan Martins da Silva em Janeiro de 2004.

³⁸ Preservar aqui significa continuar, persistir com os recursos que tem e que mantém em seu viver.

³⁹ Entrevista realizada com Dinovan Martins em Janeiro de 2004.

*ponho no quente, é só eu mudá. As coisa mudô 99,9%, mais pra melhor. A minha mãe puxava água na carrilha, nem sario num tinha. Nunca possuímos um sario em casa no tempo da minha mãe. Minha mãe morreu sem vê um sario na casa dela. Era na carrilha. Quando ela morreu eu tinha catorze anos. Hoje já é uma torneira, então as coisa mudo 99,9%. Então hoje mudô demais. A Maria tem um tanquinho para lavar roupa. Minha mãe não sabia nem o que era escova de lavar roupa, era um sabuco sapecado. (...) Tinha que ser sapecado pra ele ficá aspento, nossa senhora! Se bate assim [faz um gesto, como se passasse o objeto mencionado nos dedos], ranca até o coró da pessoa. Lavava roupa só com o sabuco, as coisa era difícil.*⁴⁰

Os modos de viver dos pequenos proprietários que conseguiram colocar energia passaram por muitas mudanças. A captação de água se tornou muito mais fácil, pois pode ser colocada a bomba d'água que facilitou tarefas diárias como lavar roupas, vasilhas, tomar banho, regar as plantas. Vários afazeres foram sendo facilitados. *“Eu adoro ferro elétrico, imagina só ter que pegar sabuco, acendê fogo pra fazê brasa, pra podê passar roupa. Sem falar que não tinha como regula temperatura”*⁴¹.

Outro ponto abordado pelo Senhor Gilvaldo diz respeito à coleta de água. Ele cita as dificuldades que tinham para captar a água da cisterna, sendo esta, o meio de abastecimento mais comum nas residências rurais do município em questão. Em seu depoimento diz que a mãe puxava água na carretilha e além deste mecanismo para tirar água da cisterna, citou o sarilho⁴². A fotografia a seguir foi tirada pelo Senhor Divino com o objetivo de registrar as mudanças que ocorreram há 20 anos atrás em uma das fazendas próximas de onde o Senhor Gilvaldo reside atualmente. Foi tirada para registrar a colocação de uma bomba d'água manual na residência do Senhor Sebastião. Nessa época, alguns moradores já usufruíam tanto da energia elétrica quanto da água encanada, mas para o Senhor Sebastião e a Dona Francelina, a bomba era o de mais moderno que já tinham colocado em sua residência, era um “acontecimento importante” que merecia foto. A figura 03⁴³ traz, então, os significados desse passado.

⁴⁰ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

⁴¹ Entrevista realizada com Carmita Leite Barbosa em Janeiro de 2004.

⁴² Cilindro disposto horizontalmente e no qual se enrola corda, cabo ou corrente de um aparelho de levantar pesos. Muito utilizado para retirar água de cisternas. Dicionários Aurélio. 1990, 1ª edição, 15ª impressão. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

⁴³ É uma maneira encontrada pelos moradores de registrar mudanças, como esta.



Figura 03: Bomba d'água manual.
Acervo particular do Senhor Divino Ferreira da Rocha.
Maio de 1984

Muitos moradores também não conheciam a maneira que a bomba d'água funcionava. Segundo o Senhor Gilvaldo e o Senhor Divino, a pessoa com quem consegui a foto e que não quis gravar entrevista, muitas pessoas foram visitar o Senhor Sebastião e Dona Francelina nesta época com o objetivo de conhecer a bomba d'água.

Atualmente, a bomba mais utilizada pra retirar água das cisternas na região é a bomba elétrica, sendo que, alguns fazendeiros utilizam água captada em poços artesianos. O que percebemos é que a maneira de captar água vem se modificando com o passar dos anos, mas a cisterna, um método antigo de estocagem, continua sendo o mais utilizado pelos narradores.

Segundo as narrativas, a energia elétrica é algo vital. Sua implantação foi responsável pela mudança de muitos costumes e, na visão do Senhor Gilvaldo, as modificações que ocorreram só trouxeram benefícios. (...) *"hoje eu chego dentro da minha casa, vó lá ligo o chuveiro. Se eu quisé no frio eu ponho se eu quisé morno eu ponho, ponho no quente, é só eu mudá. As coisa mudo 99,9%."* Sua chegada possibilitou a vinda de muitos eletrodomésticos, assim como maquinários elétricos

que possibilitaram maior facilidade na execução de muitas atividades realizadas por este moradores.

Antes de ter geladeira as coisa era bem mais difícil, a gente tinha que sacrificar o animal, depois pegava a carne retaiava ela, salgava, secava, punha dentro de um balaio, feito de taboca. Aí punha uma camada de paia e uma de carne, mais ela seca. Mais num tinha essa varigerada que tem hoje, também não. Secava sem dá bicho, um varal cheinho. Hoje se coloca uma mantinha de carne no varal, se deixá um poquinho, aí se vai lá, tá branquinho de varigeira. Tem é que cumê carne congelada mesmo. Ainda bem que o homem vai dano um jeito de inventá umas coisa que dibra os bicho que vai surgino, a única coisa ruim é que carne congelada num tem o mesmo gosto da carne de conserva. (...) Eu coloquei energia aqui em setembro de 91, e comprei a geladera em Dezembro.⁴⁴

Dona Maria Augusta foi uma das moradoras rurais que mudou a sua vida doméstica por causa da facilidade oferecida pelos eletrodomésticos. *“Fazê suspiro com uma bateadeira é bão demais, num dá trabalho nenhum, imagina tê que batê as claras em neve nas mãos, igual a gente fazia antes (...)”⁴⁵*. Dona Lázara e Dona Maria Olímpia já preferem fazer suas quitandas da forma que aprenderam, ou seja, sem o auxílio de bateadeira, de liquidificador, *“essas coisa que o povo inventa”*.

Essas coisa que o povo inventa só serve pra dexa a cabeça da gente trapaida. Liquidificador, aquele coisa de batê bolo, tem tanta peça e botão, que eu nem sei pra que serve. Tem que tampá, incaxá, eu prífiro é fazê minhas merenda na mão, sem essas coisa.⁴⁶

A gente já viveu muito bem até aqui sem essa tal de batedera e liquidificador. Então pra que eu vô querê mudá? Não vô mudá meu jeito de trabaiá não, vô continuá fazendo tudo como antes, como eu sei fazê. E fica bão do mesmo jeito. Eu num tenho inveja de nenhum bolo que os outro faiz, eu faço do meu jeito e fica gostoso.⁴⁷

Outra referência importante nas narrativas dizem respeito “ao esvaziamento” do campo. Uma das lembranças que se constituiu na fala de Dona Maria Augusta quando ela faz a relação presente/passado diz respeito à quantidade de moradores residentes na região.

Era bão demais quando reunia a turma de gente, geralmente o povo ia era lá pra casa. No dia de domingo a mãe fazia cumida pra mais de quarenta pessoa sempre, só lá em casa era oito minino, juntava com os quatro do tio Francisco, os dois do tio João, as duas do tio Gabriel, os três do tio Nadir, as duas do padrim Alcides e os cinco do tio Dilino, era um mundaréu de gente.

⁴⁴ Entrevista realizada com Valtair Oliveira Medeiro em Janeiro de 2004.

⁴⁵ Entrevista realizada com Maria Augusta Rocha Félix em Agosto de 2003.

⁴⁶ Entrevista realizada com Maria Olímpia da Silva Oliveira em Janeiro de 2004.

⁴⁷ Entrevista realizada com Lázara Martins Freitas em Janeiro de 2004.

*Mais era uma época boa, muito diferente da de hoje que num mora quase ninguém por aqui.*⁴⁸

O que aflige Dona Maria Augusta não é somente a saída de muitas pessoas do campo, mas principalmente o que essa saída ocasionou de mudança para os que ficaram. Analisando sua fala conseguimos perceber que o vínculo que os moradores tinham uns com os outros foi diminuindo com o passar dos anos. Será que essas relações passaram por modificações somente por causa da quantidade restrita de moradores que lá permaneceram?

Um aspecto que me chamou atenção diz respeito ao sentimento de solidão mencionado por muitos sempre se referindo “aos tempos que mudaram”. Como narra Dona Maria Augusta.

*Qualquer festinha há uns anos atrais juntava cinqüenta pessoa. Não é igual hoje que mora meia dúzia aqui, mais um ali, outro pouco lá na frente. Eu sinto muita falta de minha família reunida, naquela época todos moravam aqui, não é igual hoje que cada um tá prum canto. Só de lembrá dá um aperto no peito, a mãe morava ali pertinho. Eu gastava deiz minutinho pra chega lá. Vocês era tudo piqueno e tava tudo aqui comigo. As pessoas que eu amava tava tudo aqui. Agora tem semana que fica eu o Jiló aqui sozinho, sem ninguém se quer parar aqui.*⁴⁹



Figura 04: Imagem de moradores fazendo pamonha no terreiro da casa do Sr. Alcides Acervo particular de Milton Honório.
Fevereiro de 1984

⁴⁸ Entrevista realizada com Maria Augusta Rocha Félix em Agosto de 2003.

⁴⁹ Entrevista realizada com Maria Augusta Rocha Félix em Agosto de 2003.



Figura 05: Imagem de moradores fazendo pamonha na casa do Sr. Alcides.
Acervo particular de Milton Honório.
Fevereiro de 1984

Nas figuras 04 e 05 é possível perceber que várias pessoas se reuniam para fazer pamonha e que a quantidade que se fazia não era pouca. Neste dia, segundo a Dona Maria Augusta, eles estavam fazendo pamonha de mais de meio carro⁵⁰ de milho. Era um dia de confraternização, no qual trabalhavam para que, ao final, todos pudessem saborear o resultado do trabalho coletivo.

Antigamente as coisa era muito melhor, quando os minino era piqueno a gente ia muito mais nos vizinho, mais tamém tinha muito mais gente morano por aqui, num era igual hoje que tem meia dúzia de gato pingado. Quando a gente ia fazê pamonha chamava toda a vizinhança, e assim os vizinho fazia também. As pessoas era mais unida, e fazia era muita coisa. Além da pamonha que a gente fazia, tamém fazia mingau, angu, bolinho frito na manteiga, assava milho pra comer cum leite. A gente ficava o dia inteiro na casa da pessoa que tava dano a pamonhada. A gente chegava cedo, ajudava quebra o mio, fazia o que dava antes do almoço, almoçava e depois continuava até acabá. Eu já saí di noite di muitas pamonhada que eu fui. Agora hoje é cada um pra si. Cada um na sua casa faiz aquela merrequinha de coisa e pronto. Ninguém mais se reuni pra fazê as coisa como antes, num junta a vizinhança toda mais, no máximo se reuni é o vizinho mais perto ou mais chegado.⁵¹

⁵⁰ Meio carro de milho equivale a 20 balaios / jacá

⁵¹ Entrevista realizada com Carmita Leite Barbosa em Janeiro de 2004.

O que percebemos através do depoimento de Dona Carmita, 67 anos, casada, mãe de dois filhos, é que o costume de fazer pamonha permanece, mas a relação entre as pessoas é que foi sofrendo modificações ao longo dos anos. Não ocorreu somente um distanciamento geográfico entre as casas porque moradores deixaram o campo, também ocorreu um distanciamento entre as pessoas. *“Ninguém mais se reuni pra fazê as coisa como antes, num junta a vizinhança toda mais, no máximo se reuni é o vizinho mais perto ou mais chegado.”*

Quando os sujeitos entrevistados narram suas experiências de vida evidenciando que décadas atrás o lugar em que viviam era bem diferente do atual, percebo que o modo de vida que levam não é o mesmo de antes. As lembranças do tempo de criança, as imagens que constituem quando olham e pensam a paisagem, a vida presente, marcam o que foi mudado neste modo de viver.

O local que estes entrevistados vivem atualmente possui vários problemas que ainda precisam ser solucionadas, mas não podemos esquecer que esse lugar social é expressão do trabalho e das interferências desses próprios moradores. Cada um tem história para contar; seja que desmatou uma mata, que abriu um rego d'água no enxadão, que furou uma cisterna, que ajudou na construção de uma estrada ou que plantou tal árvore. Essas lembranças são expressões de suas ações/transformações que ocorreram em sua volta.

É uma preocupação quase unânime dos entrevistados deste trabalho a mudança nas relações que os moradores rurais possuem atualmente uns para com os outros. Não sei se pela idade dos sujeitos históricos que escolhi para entrevistar, mas pude perceber que acham que muitos costumes se perderam no tempo e lamentam o fim deles, algo presente no depoimento do Senhor Antônio:

A gente fazia compra longe, e ia era di carro de boi, geralmente em Beraba. Só depois que Campina Verde emancipô e começô a fica mió, é que a gente passou a fazê compra lá. Mais num fazia compra só pra gente não. As veiz meu pai demorava uns dois ano sem i na cidade, porque ia fazeno um revezamento. Quando precisava ia um e fazia o que era preciso pra todo mundo, depois ia outro e fazia a mesma coisa, até que chegava na pessoa que tinha ido primeiro. Agora hoje, cada um vai lá e faz sua compra do meis e pronto. O que um vizinho faz pro outro é emprestar uma farinha de trigo, um extrato de tomate, até o outro fazê a sua compra⁵².

⁵² Entrevista realizada com Antônio Ferreira de Sousa em Agosto de 2004.

Talvez as práticas comuns que havia entre estes pequenos proprietários também tenham mudado devido à facilidade que possuem atualmente de ir à cidade. Antes das cidades existentes na região se desenvolveram, as compras necessárias eram feitas em Uberaba, como diz o Senhor Antônio, um lugar longe e de difícil acesso, já que o meio de transporte era o carro de boi.



Figura 06: Três novilhas carregando lenha na propriedade do Senhor Tunico, esposo de Dona Maria Olímpia. Acervo particular do Senhor Milton Honório. Junho de 1976

O carro de boi era utilizado em várias atividades. Tudo que era colhido, ou seja, milho, arroz, feijão, abóbora, cana, era transportado neste meio de transporte. E analisando a figura 06, cedida pelo Senhor Milton, podemos perceber que ele também era utilizado para auxiliar em outros trabalhos, como “carriar” lenha, ir até a cidade para comprar mantimentos.

Na fala do Senhor Gilvaldo é possível perceber as dificuldades encontradas para chegar até a cidade mesmo quando o carro de boi foi deixado de lado.

Naquele tempo meu pai vinha na cidade. Ele tinha que vim fazer a compra e posar, pois era 50 km de ônibus e o ônibus num voltava não. Ele gastava o

dia inteiro para ir de Iturama a Campina Verde. O ponto de almoço era em Ozor Bastos. (...) o que comprava era o açúcar, o sal, e o café. Porque nessa época minha mãe fritava as tripas, ou pegava aquelas mantega de fritura que ia ficando grossa, aí punha no candeião. Então num gastava querosene, só foi gasta querosene quando a gente passo a usa lamparina. (...) Isso foi na década de 50, 60, eu era minino.⁵³

No depoimento acima, além da distância em relação à cidade, podemos pensar nos produtos que eram comprados para complementar a alimentação destes trabalhadores. Eles dependiam muito pouco da cidade, o Senhor Gilvaldo disse que o pai comprava somente sal, açúcar e café. Já a Dona Lázara e o Senhor Divovan disseram que seus pais compravam apenas sal, pois fabricavam o açúcar e plantavam o café. Atualmente, esses narradores vão mensalmente a Campina Verde ou a Honorópolis fazer compras para o mês com uma lista em mãos, pois são vários os itens que precisam comprar.

Esse distanciamento da cidade se por um lado significou preservação de práticas/costumes, por outro teve suas conseqüências, as quais ficam evidentes quando muitos se referem às dificuldades que encontravam para ir à escola. Como pode ser percebido na fala de Dona Carmita e do Senhor Gilvaldo.

Escola?! Essa foi uma das coisa que mudo muito. Na nossa época, pra gente estudá era uma complicação, os minino tinha que andá e muito à cavalo, ou os pais pagá uma contribuição para o dono da fazenda que sediava a escola pra que ele desse poso e comida. Os professores tamém sofria muito, eu quando passei a licioná, eu era novinha. Eu era professora ruralista, eu percorria dependendo da época, 05 léguas a cavalo, 30 km pra chegá onde eu licionava. Quando eu ia visitava meus pais⁵⁴ era um problema, pois ônibus não tinha. Tinha que í num dia e voltá no outro. Porque o ônibus num ia e voltava no mesmo dia. Aí quando eu chegava em Honorópolis, tinha que pagá pensão, pra no outro dia descê a cavalo pra fazenda onde eu licionava (...).⁵⁵

As crianças dessa região na década de 1950, 1960 freqüentavam a escola apenas por alguns meses. Raros os casos que chegaram a freqüentar por mais de dois anos. Geralmente o que se aprendia era escrever o nome, conhecer as letras do alfabeto, soletrar algumas palavras e fazer contas. Nessa época, freqüentar uma escola era privilégio, pois existiam poucas, tornando-se inviável para muitos devido à distância, sem falar que as escolas não possuíam nenhuma estrutura para receber os alunos.

⁵³ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

⁵⁴ Os pais de dona Carmita na época residiam em Campina Verde.

⁵⁵ Entrevista realizada com Carmita Leite Barbosa em Janeiro de 2004.

(...) nós sofria muito prá estudá. Nós acordava 06 horas da manhã, andava 08 km para chega na escola as 07:00 horas, porque as aula começava as 07:00 e terminava as 05:00 hora. Era um batidão, de baxo de sol, de chuva, com frio ou calor, lá ia nós. Estudei nove meis. Comecei em fevereiro e parei em novembro, só teve uns 15 dia de férias. Nós almoçava as 11:00 horas. O Genivaldo que era o mais velho lá de casa que estudava, ficava pra trás pra leva a bóia na bacia. Mais ele num chegava muito tarde na escola não. Ele chegava por volta de nove e meia. E assim era, cada um tinha que levá sua comida. Ao todo nós era 61. Naquele tempo não tinha pré, era do primeiro ano até a 4ª série. Nossa escola num tinha nem quadro, o professor tinha que si virá, tinha minino de 08 anos até vinte e tantos anos. Tinha moça, tinha rapaiz, tinha minino, tinha muleque, tinha de tudo. O povo andava 20 km com a troxinha nas costas para estudar. Tinha uns que morava mais longe que fizeram uma barraquinha perto da escola e ia para lá todo Domingo a noite e só voltava pra casa na sexta-feira a noite.⁵⁶

As escolas rurais não existem mais, porém a prefeitura disponibilizou transporte para buscar os alunos que residem no campo para estudar em Honorópolis ou em Campina Verde, vão para o local que estiver mais próximo de onde residem. Atualmente, a população campinaverdense conta com 12 escolas públicas e 02 escolas particulares para ensino fundamental; 03 escolas públicas e 01 escola particular para o ensino médio; 04 escolas públicas e 03 escolas particulares para o ensino pré-escolar⁵⁷.

O que mudou não foi somente a estrutura das escolas, como podemos perceber ao compararmos as falas dos entrevistados com a pesquisa realizada pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), mudou toda uma teia de relações. As escolas eram de difícil acesso, pois existiam poucas, mas o papel que tinham ia muito além de apreender a ler e escrever. Através das escolas muitos acordos eram firmados entre os moradores da região, pois todos tinham que se socializar para conseguir escolas para os filhos.

A escola era um local em que as pessoas se reuniam para fazer confraternizações, para praticar suas crenças religiosas, era nela que as pessoas se encontravam para dividir suas conquistas, partilhar suas dificuldades, logo, a escola era um local social. *“A escola que eu licionava era bem diferente dessas de hoje. Todo Domingo tinha missa, a gente comemorava as data cívica e todo mundo ía, era uma festança.”*⁵⁸ *“Minina, as professora da minha época sabia fazê festa mesmo,*

⁵⁶ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

⁵⁷ Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP – Censo Educacional 2000; Malha municipal digital do Brasil; situação em 1997. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

⁵⁸ Entrevista realizada com Carmita Leite Barbosa em Janeiro de 2004.

todo domingo tinha festa (...) era festa junina, de Santo Reis, de Natal, pra comemorá os aniversariante do meis, e num ficava caro, todo mundo levava um negócio⁵⁹.” “As escola num era só prus aluno, era também prus moradores, a gente participava de tudo, hoje a gente num é convidado pra participá de mais nada nas escola⁶⁰.”

Se havia um distanciamento entre os pequenos proprietários aqui investigados em relação à cidade, em contrapartida havia uma relação de proximidade com a natureza, talvez esta relação seja outro ponto que justifique a permanência no campo.

(...) pra mim cidade num pode ser maió que Campina Verde. Quando eu vô passιά lá na casa da minha irmã que mora em Campinas eu fico quase doido, é um baruião danado, um local de pocas planta, cum muito asfalto e cimento. Tem tanta luz que a gente nem sabe quando o dia tá começado ou terminano. Agora aqui sim, é um lugar bão de vivê. Aqui a gente é livre, a gente acorda com o clariar, com os passarinho, com as galinha, vê muita árvore, tem espaço prá prantá, pra criá os animais que ajuda a gente vivê. Se eu tivé que saí um dia daqui, vô senti igual um peixe fora d'água.⁶¹

O Senhor Antônio, casado, pai de três filhos, nesta parte de seu depoimento, deixa transparecer que se sente fora do seu habitat natural quando está em um cenário muito diferente do que vive, uma cidade grande, por exemplo. Menciona que o relógio que segue para acordar é o sol, os animais, ou seja, trabalha seguindo o curso da natureza.

Dona Lázara traz um sentido ao esvaziamento do campo: o fato de não ter mais vizinhos indica o modo como ela interpreta esse tempo em que muitos trabalhadores deixaram o campo e foram para a cidade.

(...)Nos anos de 78, 79, 80, 81, 82 foi os anos que muita gente que eu gostava mudou daqui, ocê num vai lembrá, mais seu pai lembra que muita gente perdeu o que tinha pru Banco do Brasil na época. O problema é que muita gente teve azar de plantá e num colhê, é que o tempo num ajudô. Os que ainda conseguiu serviço tentô ficá por aqui, mais a maioria acabô mudano pra outra banda, muita gente foi pra cidade, teve gente que foi até pra São Paulo e eu nunca mais tive notícia. (...)⁶²

⁵⁹ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

⁶⁰ Entrevista realizada com Valtair Oliveira Medeiros Janeiro de 2004.

⁶¹ Entrevista realizada com Antônio Ferreira de Sousa em Agosto de 2003.

⁶² Entrevista realizada com Lázara Martins Freitas em Janeiro de 2004.

Sair do campo era uma possibilidade que estava posta para esses sujeitos no passado, mas Dona Lázara, o Senhor Juca, o Senhor Gil, o Senhor Antônio, dentre muitos outros resolveram ficar. Para alguns autores esse “esvaziamento” é explicado como sendo “modernização rural”⁶³.

*(...) Hoje a gente quase num tem vizinho mais, mais tamém o povo mudou quase tudo de 75 pra 80. Uns mudô porque quis tentá uma vida mió na cidade, outros porque tiveram a infelicidade de pegar dinheiro financiado no Banco do Brasil, e ocê sabe como é banco né, num perdoa ninguém. Quem num conseguiu pagá, o banco tomo as terra. Teve gente que ficô sem nada, mudo só com as traia de casa e a roupa do corpo, outros ainda conseguiu arrumar dinheiro emprestado e pagou o banco, pra depois vendê as terra pra pagá os agiota. Pra esses ainda sobrô um poquinho(...)*⁶⁴

Essa questão do esvaziamento do campo, de “num tem vizinho mais”, é relatada pelos pequenos proprietários rurais entrevistados de uma maneira bem marcante, eles expressam um sentimento de “perda” e de mudança e querem mostrar que não perderam somente “vizinhos”, mas também companheiros de trabalho, de diversão. Perderam no sentido de não poder partilhar mais uma vida social, uma vez que ocorre uma ruptura nas relações vividas por estes moradores (...)“todo domingo e feriado juntava aquele turmão e jogava bola queimada, peteca, truco”⁶⁵, (...)“quando morava a família tudo reunida era bão dimais, juntava todo mundo na casa da mãe pra almoçá, as vez dava mais de 40 pessoa, era uma festa”⁶⁶, (...)“pra trabaiá a união fazia a força, as pessoa trocava dia, fazia multirão, e num precisava ficá pagano ninguém, mais nessa época tinha mais gente”⁶⁷.

As pessoas antes dessa “modernização do campo” precisavam mais umas das outras, o sistema de vida era composto por uma rede de pessoas, sendo que a coletividade se fazia necessária para a realização das tarefas, talvez, atualmente não se mantenham mais estas relações sociais devido às alterações ocorridas nas práticas de trabalho.

⁶³ A autora MIRANDA, L. L. em seu trabalho intitulado **A Política de Crédito Rural nos anos 70: Modernização e Mudanças nos Agros-nacional, Regional e Local na Abordagem dos Jornais de Uberlândia, MG**. Monografia (Bacharelado em História) Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, 1999. Aborda neste trabalho, a discussão sobre a política de crédito rural brasileira nos anos 1970, mostrando o cenário anterior que se encontrava o país e os reflexos que a mesma desencadeou principalmente para os moradores rurais.

⁶⁴ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

⁶⁵ Entrevista realizada com Dinovan Martins da Silva em Janeiro de 2004.

⁶⁶ Entrevista realizada com Maria Augusta Rocha Félix em Agosto de 2003.

⁶⁷ Entrevista realizada com Valtair Oliveira Medeiros em Janeiro de 2004.

Os sujeitos históricos aqui investigados não se mudaram do campo, no entanto, o modo de vida deles sofreram re(elaborações) ao longo dos anos. A fala do Senhor Juca indica as dimensões dessas modificações que foram acontecendo:

*Hoje em dia tá diferente as época, né! De primero as época de planta roça era Setembro e Outubro, agora pra hoje mudô as época, as veiz até Janeiro tá plantano ainda. Naquele tempo tinha a época das chuva começa, agora num tá teno mais, de modo que chove fora da época. Nessa parte aí eu tô meio perdido, num tem mais tempo certo pra começá a plantá. Dia 24 de Agosto o povo queimava as roça, limpava o lugar pra planta, dia 8 de Setembro era o dia de planta. Agora hoje Setembro num planta mais roça e nem Outubro, é difícil porque se plantá perde né, de modo que hoje mudô. De modo que a vida na roça tá meio difícil, só se a pessoa gosta é que fica mesmo. Porque se a pessoa gosta, ela atulera quarquê coisa, né. Eu por exemplo, vô sempre vivê aqui né, porque aqui eu aprendi a vivê né. Eu acho que aprendi, porque esse ano tudo aí né, nunca pricisei mudá né, graças a Deus nunca pricisei mudá, nunca pensei em mudá, nunca. Mais que as coisa hoje pra quem num tem o tal dinheiro tá mais difícil, isso tá. Porquê quem tem dinheiro aduba, dá um combate, faiz uma rigação e consegue colhê, agora pra quem depende só da natureza é difícil né. Mais o problema é do homem mesmo que distrói tudo né, o tal homi é o bicho que mais acaba com as coisa dexada por Deus.*⁶⁸

O Senhor Juca quando diz que “naquele tempo tinha a época das chuva começa, agora num tá teno mais” ele está nos chamando a atenção para as mudanças que estão ocorrendo no ciclo natural. Afirma que com o passar dos anos a “época de planta” foi alterada por causa da escassez das chuvas, mas ele mesmo faz uma avaliação e diz que os problemas enfrentados com os recursos naturais é um problema causado pelo próprio homem.

Além dos problemas naturais enfrentados pela falta das chuvas, os produtores rurais também possuem sérios problemas relacionados a pragas, como fungos, bactérias, brocas que atacam as plantações atrapalhando o desenvolvimento das mesmas. “As pranta não virá mais, ficam bunita até certa artura e depois morre, hoje num tem jeito de pranta nem uma horta sem joga um veneno. *É poca coisa que virá só com as coisa dexada por Deus.*”⁶⁹

O ficar no campo para o Senhor Juca vai muito além da questão financeira/econômica, o seu ficar está relacionado com sentimentos, com o sentido da vida, pois como ele mesmo disse, foi morando no campo (...) “que aprendi a vive

⁶⁸ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

⁶⁹ Entrevista realizada com Lázara Martins Freitas em Janeiro de 2004.

né. Eu acho que aprendi, porque esses ano tudo aí né (...) nunca precisei mudá, nunca pensei em mudá, nunca”.

No próximo capítulo irei analisar o sentido de permanecer no campo para os pequenos proprietários e o que foi necessário mudar nos seus modos de viver, de trabalhar a terra, para continuar vivendo no lugar onde vivem. Também serão analisadas as expectativas que possuem em relação ao futuro.

Capítulo II

Permanecer no campo: Mudanças e Expectativas

*“Cada um de nós compõe a sua história e cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz...”
(Almir Sater e Renato Teixeira)*

Comecei este capítulo com estes versos da música *“Tocando em Frente”* porque quando cheguei à casa do Senhor Juca ele a estava ouvindo em seu rádio e me disse que essa era uma das poucas canções recentes que ele gostava. (...) *“essa canção é uma lição de vida, quem fez ela deve ser uma pessoa que percebe muito as coisa, pois ela é a minha realidade, apesar que eu ainda choro muito a falta da minha esposa, mais a vida tem que se tocada em frente.”*⁶³ Gravei o comentário que o Senhor Juca fez desta música antes mesmo de iniciarmos a entrevista e a partir dele comecei a perceber a ligação existente entre o jeito de pensar dos moradores entrevistados e a letra da música.

Para muitos narradores permanecer no campo significou mudar modos de viver, de trabalhar a terra, conciliando saberes com as novas técnicas que de certa maneira foram impostas. É possível perceber os sinais dessas mudanças logo quando chegamos na casa de pequenos proprietários rurais mais estruturados economicamente e encontrarmos um trator e uma carroça parados lado a lado em uma casinha onde se guardam instrumentos de trabalho. Nota-se que incorporações modernas e tradicionais se materializam e se confluem nas atividades diárias destes trabalhadores. Cada um, da maneira que é possível, vai adaptando suas rotinas às exigências do mercado.

Neste capítulo, procuro compreender o modo como interpretam essas mudanças, sobretudo as relações entre vida, natureza, trabalho e permanência no campo.

⁶³ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

As experiências de vida dos pequenos proprietários são marcadas por muitos conflitos, expectativas e mudanças. Nesse processo, alguns costumes foram alterados para que esses proprietários se adaptassem à nova realidade colocada. Uma das principais condições de permanência no campo é a manutenção da terra, pois dela esses trabalhadores conseguem retirar o necessário para viver.

Dona Lazineira é uma das entrevistadas que deixa bem explícito em seu depoimento que sua permanência no campo só foi possível porque conseguiu manter seu “pedacinho de terra”.

Minha vida eu vô te contá. Eu nasci e tô até hoje lutano com ela. Meu marido me largô, fiquei com esse dois minino pititito, eu dei murro na ponta de faca pra criá esses minino e num vendê essas terra aqui pra dexá elas pra eles. Porque teve muita viúva igual a Dona Janadira que o chão dela era maior, ela tinha carro, e ela acabô cum tudinho. E eu não acabei cum nada. Tá aqui pra eles, nós num passô bem não. Esse aqui fala sim pra mim, a senhora fazia cumida pra nós era os pedacinho de carne contadinho. Eu falo; mais océis num passô fome e tá com a terra docês aí. Depois quando eu disquitei do meu marido, eu fiquei deveno uns 700 mil na época. Se fosse hoje, seria uns 1.500, se não fosse 2.000 mil. Meu irmão falou pra mim vende uma quarta de chão pra paga as dívida e eu falei num vô vendê, pois se vendê uma parte hoje, daqui uns meis tenho que vendê ota. Falei que ia paga essa dívida sem vende uma vaca, e paguei mesmo, com dinheiro de leite. Nós cumia os pedaço de carne contado, mais demo conta de pagá o que divia cum dinheiro de leite. Comprei esse carro aqui depois que larguei dele, essa casa aqui era de pau-a-pique, tá uma tapera, mais é de tijolo. E todo dinheirinho que a gente ganha vem da terra, se não fosse ela a gente não ia vivê né, por isso eu sô contra vendê terra mesmo, é mió vendê as ropa de vesti do que vendê terra, porque cum dinheiro que sai da terra a gente pode compra otra, e cum ropa num dá pra fazê nada.⁶⁴

Dona Lázara conseguiu manter a terra, mesmo diante das diversas pressões vividas. Para mantê-la teve que fazer escolhas, comer “os pedaços de carne contado”, como ela mesmo mencionou, mas foram escolhas que lhe possibilitou continuar a viver no campo e a sustentar os filhos. São memórias/histórias como esta de Dona Lázara que me permitiu pensar a realidade dos pequenos proprietários rurais.

⁶⁴ Entrevista realizada com Lázara Martins Freitas em Janeiro de 2004.

O Senhor Dinovan, assim como Dona Lazara, vê a terra como sinônimo de permanência.

*Nóis que num tem muita coisa, mais tem a terra, ainda consegue si virá. Océ vê bem, muita gente num conseguiu ficá morando aqui na época que as lavora deram prejuízo porque tiveram que vendê a terra. Aí trabalhá prus outro não é fácil (...) Agora quando a gente mora no que é da gente, a gente pranta o que é necessário prá ajuda a vivê. Então, a gente tem sempre que preservá é terra, se a coisa apertá mesmo, vende as vaquinha, as galinha, mais a terra não.*⁶⁵

Para o Senhor Dinovan, a terra é o que possui de mais valioso, pois a partir dela é que consegue o alimento, a renda necessária para viver. Ela ainda lhe possibilita a preservação de todo um modo de vida composto por uma rede de pessoas. Sem ela não é possível, plantar, criar animais, etc., pois é a partir dela que pequenos proprietários, como Dona Lázara e o Senhor Dinovan, constituem suas relações sociais e compartilham experiências.

Os pequenos proprietários entrevistados, ao longo de suas vidas, construíram valores que não podem ser destituídos, uma vez que fazem parte deles próprios. Uma vida distante do lugar a que estão acostumados os forçariam à negação de suas crenças, idéias, modos de ser, pensar e agir. Por isso, utilizam sempre de fatos transcorridos para justificar suas escolhas e a atual situação que vivenciam, tentando, em seguida, traçar planos para o futuro.

Muitos que, na década de 1970, perderam o que haviam plantado, ficando com dívidas altas em relação aos bens que possuíam, venderam o que tinham e partiram para tentar uma nova vida na cidade. O Senhor Gilvaldo e a Dona Maria Augusta reafirmam seus modos de viver no campo quando comparam suas vidas com a desses moradores que partiram.

Não, se eu fosse mudar daqui eu não sobrevivia. Aqui eu mi viro, eu sei cuidá de um bezerro, eu sei cuidá da minhas prantação, crio porco, galinha... E na cidade, se fosse pra lá eu ia fazê o que? Nada! Eu não vou pegar um tambor de massa, pois é uma das poucas coisa qui ía sobrá pra mim fazê, se é que ia sobrá, é que tem tanta gente disimpregada na cidade. Sem falar que eu já tô velho pra isso. O melhor é eu continuá por aqui, continuá fazendo o que eu sei e o que gosto. E num tô falano isso da boca pra fora não. Eu sinto muito bem vivo aqui. De vez em quando a

⁶⁵ Entrevista realizada com Dinovan Martins da Silva em Janeiro de 2004.

*gente passa uns aperto, mais quem num passa aperto nessa vida é poca gente.*⁶⁶

*Não, hoje não. Mais teve uma época que eu num fui só por causa do meu marido, ele num quis, porque todo mundo da minha família mudô pra cidade e fica só nós dois aqui, aí eu achei ruim demais. Aí convivemo com o pessoal que foi pra cidade vi que a violência tá muita, que a vida lá é muito agitada, que as dificuldades deles é muito grande. Tem um irmão que foi pra Uberlândia e trabalha todas as noites de leiturista num incubatório. Ele só folga uma vez por semana. Mas fazer o que? Ele precisa trabaíá, tem duas filhas pra cuidá, e foi o que ele encontrou. Sem falar que três irmã minha nem serviço não conseguiu, é que elas não tem estudo. Pra ganhar um dinheirinho aqui e ali, fazem uma faxina de vez em quando. Estão conseguindo viver lá porque já mudaram com um dinheiro pra pelo menos comprar a casa de morar. E pra voltá num dá mais, porque o que eze tem, não dá pra compra um pedaço de terra. Hoje num tenho mais vontade não. Hoje eu tô bem aqui.*⁶⁷

É possível dizer, após interpretar as narrativas do Senhor Gilvaldo e Dona Maria Augusta, que o sentimento de permanência é reforçado quando os dois comparam a vida que antigos vizinhos e familiares tinham quando moravam no campo, com a vida que esses possuem atualmente morando na cidade. Vinculadas a este viver estão imbricadas várias questões, como: convivência social, questão cultural, econômica, dentre outras.

Ao analisar as falas dos entrevistados é possível perceber que o ficar também está vinculado aos conhecimentos que possuem em relação à terra e também pelo próprio modo de vida a que estão acostumados.

Dona Carmita é uma das entrevistadas que passou a morar definitivamente no campo em 1955, após seu casamento, e possui neste lugar as suas referências de vida.

*Que aqui num é igual antes eu já te falei, mas saí daqui eu tamém num quero porque o que eu sei fazê, eu só posso fazê morano num pedaço de terra, pra que então e vô querê caçá dente na boca de avestruz? Sem falá que a maioria das pessoa que mora por aqui eu conheço, se eu precisá de qualqué coisa emprestada, de um remédio, um extrato, uma farinha de trigo, eu sei que tem gente que irá me ajudá. As pessoa aqui me conhece.*⁶⁸

⁶⁶ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

⁶⁷ Entrevista realizada com Maria Augusta Rocha Félix em Agosto de 2003.

⁶⁸ Entrevista realizada com Carmita Leite Barbosa em Janeiro de 2004.

Além da terra ser interpretada como uma possibilidade de permanência, Dona Carmita fala da relação mantida entre ela e a vizinhança. Quando diz “*as pessoa aqui me conhece*” quer chamar nossa atenção para o sentido de morar naquele lugar há 49 anos, o que traz para ela uma sensação de conforto. Esse reconhecimento foi adquirido após muitos anos de convivência, não foi algo que conseguiu, em poucos dias ou meses. Mudar significaria perder toda essa conquista que não poderia ser transportada junto com a mudança.

A permanência dos entrevistados é também justificada através dos saberes que são transmitidos de geração para geração, como é possível perceber através da fala de Dona Maria Augusta.

*Sei fazê muita coisa, e a maior parte aprendi com minha mãe, mais muita tamém fiquei sem aprendê. De doce, faço doce de leite, de mamão, de pau de mamão, de abacaxi, de mangava, de carambola, de banana, manga, esse mais simples. É difícil falar essas coisa, porque são muito detalhes. Bom, tamém faço pamonha, uma coisa que o povo que mora na cidade pra mim não sabe fazê muito. (...) Faço sabão de vários tipo, sabão d'água, sabão seco, sabão frio (...) Tamém acho que muita coisa fica diferente quando vai fazê na cidade é pela própria condição. Se for comprá milho tem que ser aquele de sacolão, que num é igual ao panhado na hora, sem falar que quando a gente vai quebrá o milho a gente escolhe os que estão no ponto, pamonha de milho duro não presta. (...) Aqui a gente trabaia muito, mas graças a Deus tem fartura. Pranta uma horta, uma abobrinha, um chuchu (...) Eu num ia sabê i em fêra, sacolão, comprá coisa pra semana inteira pra ficar muchano. Sem falar que ia tê que sê aquela quantidade regrada.*⁶⁹

Dona Maria Augusta produz a maior parte dos produtos que serão consumidos em sua casa, como doces, sabão, hortaliças. Ela está acostumada a colher o que irá fazer em suas refeições horas antes das mesmas. Vai até a horta colhe as verduras necessárias para o almoço, vai até o quintal, arranca um pé de mandioca. Tudo que faz está “*fresquinho*”, não faz nada “*mucho*”. Como ela mesmo diz, não seria possível manter este modo de vida morando em uma cidade, onde tudo é comprado no sacolão, nas feiras livres, em uma quantidade “*regrada*”.

⁶⁹ Entrevista realizada com Maria Augusta Rocha Félix em Agosto de 2003.

Pensar a história desses pequenos proprietários, por meio de sua cultura, está sendo algo muito instigante e ao mesmo tempo desafiador. Não está sendo fácil priorizar determinados aspectos e deixar outros de lado, pois esses sujeitos históricos vivenciaram uma imensidão de processos que tiveram impacto em suas vidas.

Os entrevistados não deixaram e não pensam em deixar o campo, porque os saberes, as relações que possuem estão firmadas neste lugar. Sabem lidar com a natureza, a retirar dela recursos que facilitam o modo de vida que possuem.

Outro aspecto que chamou minha atenção diz respeito ao modo como esses sujeitos buscam nos saberes que possuem da natureza as formas alternativas de cuidar de seus corpos. Eles conhecem muitas ervas e fazem chás utilizando conhecimentos que foram sendo repassados de geração a geração. Geralmente são receitas simples, compostas por plantas que podem ser encontradas na beira de córregos, chapadas ou até mesmo nos quintais das pessoas que gostam de cultivar essas ervas. Esses moradores não utilizam remédios caseiros visando somente o lado econômico, tendo em vista que eles acreditam acima de tudo no grande poder de cura que as ervas possuem.

O Senhor Dinovan e o Senhor Gilvaldo em seus depoimentos narram a utilização de algumas ervas, como erva santa maria, babosa, quina.

Nóis foi muito criado cum remédio caseiro, eu meus irmão, minha muié, todo mundo um tempo atrais, isso foi demais da conta. Hoje a gente custuma falá é vermífugo. Então quando a mamãe tava criando nós o vermífugo que ela dava pra nós era tudo do quintal. Uma tal de erva santa maria, aí tinha mania de falá assim: vai meu fio bebe: gute, gute, gute, aquilo era difícil demais. Uma babosa, ah! Coisinha feiosa de ruim! Nóis foi criado daquele tipo. E hoje ainda eu uso um monte de coisas pra mim né. Agora os minino foi criando um pouco diferente, já usou muito remédio de farmácia, mais o remédio de raiz é muito melhor, é um remédio natural né. O da farmácia vem é da raiz né, só que já vem químico.(...)⁷⁰

(...) Nós temo é muito remédio por aqui, e tá aí, é só pegar, o problema é que os mais novo num anda conheceno mais nada. Não conhece se qué um pé de quina. Quina é um remedião pro estômago e pro fígado. A mulher

⁷⁰ Entrevista realizada com Dinovan Martins da Silva em Janeiro de 2004.

que era dona de todas essas terra por aqui, já tinha tomado de tudo, tudo cuntuá que médico tinha receitado e nunca tinha melhorado. O que curou ela foi o chá da quina (...)⁷¹

Apesar das várias mudanças que permeiam o dia-a-dia desses pequenos proprietários, saberes como este do Senhor Gilvaldo e do Senhor Dinovan, emergem como uma justificativa de permanência e também como uma maneira de reafirmar que a cultura não se perde com o transcorrer de algumas décadas. Conhecer as ervas e suas eficácias é um saber sobre a natureza que instrumentaliza o viver destes sujeitos.

A fala do Senhor Gilvaldo fez-me refletir ainda mais sobre a relação que o homem do campo deve ter com a natureza, pois “*A mulher que era dona de todas essas terra*”(…) tinha sérios problemas de fígado e nunca tinha feito chá de quina para consumir, isso por não preservar saberes. Conhecer e utilizar as ervas é, então, uma prática herdada.

Dona Maria Olímpia, assim como o Senhor Gilvaldo e o Senhor Dinovan, ressalta o valor do uso da natureza alternativa como forma de cura.

(...) Sempre usei remédio caseiro, por isso sempre eu tenho prantado, (...) arruda, erva-cidreira, levante, gengibre, tudo é remédio. Geralmente se vai comprar um remédio na farmácia, se tá com uma dor, e tudo vem das ervas que a gente pranta, então porque a gente precisa de comprá. A gente prantano a gente tem. Eu sempre gostei de ter as plantinhas de casa né. Toda vida.⁷²

Para Dona Maria Olímpia, além de conhecer as ervas caseiras e suas aplicabilidades, é também necessário cultivá-las. Para ela “*as plantinhas*” não são adornos, mas têm a função de curar as dores do corpo. Isso também é uma herança que herdou de seus familiares. E para cultivar é preciso da terra, mais uma vez ela é a base de todo conhecimento adquirido por estes moradores rurais. Então, a relação com a terra ultrapassa a função de produzir para vender, pois é uma forma de preservar uma cultura, saberes que instrumentalizam um modo de viver.

⁷¹ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

⁷² Entrevista realizada com Maria Olímpia da Silva Oliveira em Janeiro de 2004.

O Senhor Juca, assim como Dona Maria Olímpia, interpreta sua permanência pautando-se nos saberes que possui:

*Nunca achei difícil vivê aqui, ainda mais quando a gente tinha saúde pra fazê o que precisava. Porque hoje eu já num dô é conta de fazê praticamente nada. Mais mesmo assim me interto com os meus porquinho, com as galinha, ainda gosto de por trato prá eles. Aqui eu me sinto bem, porque por mais que eu num dô conta de tirá leite, eu sei olhá pra um bizerro e ajudá na escolha do remédio, sei fala o que tem que ser feito pra ele melhorá, apesar da minha idade eu me sinto útil, agora se me tirar desse meu mundo, eu tô enrolado, vou ficar perdido. Pois tudo que sei fazê aprendi aqui.*⁷³

Além da prática de cultivar ervas, pude perceber que os hábitos alimentares também estão interligados à relação desses pequenos proprietários com a terra. O gosto pelo doce de leite, pelo requeijão, pela farinha de mandioca, pelo polvilho, pelo próprio leite, pelas hortaliças, dentre outros produtos produzidos por eles, constituem em suas narrativas os modos como interpretam o ficar no campo. Como é possível perceber na fala do Senhor Gilvaldo e Dona Terezinha:

*As coisa que faiz aqui é natural, é pura. Come o doce de leite que a Maria faiz aqui e compara com aquele que quem mora na cidade compra. Num tem nem comparação. O povo deve por outras coisa além de leite e açúcar. O gosto é outro. E o leite, eu nem vô fala, eu não consigo tomá aquela água rala que ocêis compra lá não.*⁷⁴

Quando visitei a casa do Senhor Gilvaldo pude perceber muitas embalagens de refrigerantes para serem descartadas, latas de extrato de tomate, caixinhas de gelatina, dentre outros produtos industrializados. Mas os doces que são servidos, como o de leite, o de mamão, o de queijo, dentre outros, são feitos por eles mesmos. Segundo o Senhor Gilvaldo, o gosto dos doces que fazem não podem ser comparados aos adquiridos no comércio, porque “Num tem comparação”.

Dona Terezinha também vai narrar o gosto das coisas que faz.

Muita gente gosta daqueles requejão comprado, isso porque não conhece os que a gente faiz aqui. Eu não gosto daqueles comprado dijeito nenhum, é

⁷³ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

⁷⁴ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

*muito ralo. Essas coisa industrializada, praticamente nada é bão. (...) O tempero que a gente faiz aqui ôh, fica com um cheiro danado de gostoso, agora esses que a gente encontra pra vendê no supermercado nem chera direito, chera.*⁷⁵

Além dos doces, do requeijão, do tempero, o gosto pela carne de frango e de porco também emerge como relação desses pequenos proprietários com a terra. Dona Carmita ao falar dos hábitos alimentares diz:

*Aqui em casa a gente mata todo domingo um franguinho, e eu não canso de cumê a carne desses bichinho ai não. Mais pra mim aqueles frango de granja num serve, tem gosto de ração, sem falá que a carne é aquela coisa branca, mole, se fizé molho derrete. E a carne de porco que o povo compra na cidade, não é boa (...) A lingüiça então, eu nem vô fala. Não é gostosa, pra te fala a verdade, eu prifiro cume otras coisa que essas carne que fica muito tempo pra se vendida, ou de granja.*⁷⁶

Apesar de produtos industrializados fazer parte da alimentação desses pequenos proprietários, muitos hábitos alimentares são preservados como, por exemplo, nenhum deles cozinham no óleo, todos ainda preservam o costume de utilizar a banha de porco. O Senhor Dinovan, pelo que pude perceber, é um dos que não abriu as portas de sua casa para os produtos industrializados. O que nos foi servido no jantar feito por Dona Rosália⁷⁷, quando fui realizar a entrevista, foi arroz, feijão, carne de sol, quibebe de mandioca com lingüiça e de sobremesa, bolo de mandioca com café.

O polvilho doce é também um dos produtos que faz parte da produção dos pequenos proprietários, pois são as próprias mulheres que o fabricam e o utilizam para fazer biscoitos, pão-de-queijo, bolinhos fritos, dentre outras quitandas.

Além do polvilho, Dona Maria Augusta, Dona Lázara, Dona Maria Olímpia e Dona Carmita, também fazem farinha de mandioca para o consumo familiar.

Eu já fiz muito porvio e farinha na minha vida. Inclusive trabaiei para uma mulhé, a dona Zefa, que fazia demais pra vendê. (...) nós ia prum madiocal que tinha no fundo das laranjeira e rancava um tanto bão de mandioca que desse pra fazê porvio uns dois dia, porque se a madioca fica muito tempo

⁷⁵ Entrevista realizada com Terezinha Almeida Furtado em Janeiro de 2004.

⁷⁶ Entrevista realizada com Carmita Leite Barbosa em Janeiro de 2004.

⁷⁷ Esposa do Senhor Dionvan.

*rancada a massa azeda e o porvio num fica bõo. Aí ela ia pra dentro fazê armoço e eu cuidava daquilo. Cascava e carregava tudo lá pra dentro pra gente podê lavá e ralá. E num era igual hoje que o povo tem desintegrado não. Era tudo no ralo. Aí, num gosto nem de pensá. Depois a gente cuava aquilo, dexava acentá, depois lavava de novo, e depois era só secá e passá na pineira. Aí o porvio tava pronto pra fazê as quitanda. Depois que a gente fazia o porvio, a gente tamém fazia muita farinha, só que farinha é mais fácil, rende mais. A única coisa difícil é socá no pilão e torrâ, porque demora muito.*⁷⁸

Até que o polvilho ou farinha fiquem prontos, é preciso que uma série de atividades sejam realizadas, como pode ser visto pela descrição feita por Dona Maria Olímpia. É preciso arrancar a mandioca adequada, descascar, lavar, ralar, coar, deixar o polvilho acentar, tirar os torrões, secar, passar na peneira. Enfim, existe um saber presente em cada etapa, que foi adquirido através de experiências compartilhadas.

Dona Maria Augusta, assim como Dona Maria Olímpia, já fez muito polvilho e nesta parte de sua narrativa descreveu as atividades que devem ser feitas para fazer a farinha de mandioca.

*Eu já fiz 21 lata de polvilho praticamente sozinha, eu e a Tica, mais ela era muito piquinininha, tinha só uns sete ano. (...) Tamém fiz muita farinha de mandioca, falá nisso tem que fazê esses dia, porque aqui tem ali tá cabano. A mió mandioca pra fazê farinha é da que tá aguada, o contrário do polvilho que a mandioca tem que tá seca. Se a gente fazê farinha da mandioca aguada ela fica mais doce. O processo é igual ao do polvilho até certo ponto. A gente ranca a mandioca, casca, rala, aí ao invés de lavá a massa a gente só torce pra tirá a água, tem que ficá bem torcida. Aí a gente leva a massa pro pilão, soca até ela fica fininha, no ponto de passá na pinera. Aí é só pinera em cima do forno, um tanto que dá pra fazê biju, num pode ser nem muito grossa, nem muito fina e torrâ. Eu não gosto de comprar polvilho e farinha dos outro, porque muita gente num sabe fazê(...) Agora farinha de milho é o mesmo processo, só que é mais injuada que tem que dexá o mio de moio depois de limpo até dar pra socar. Essa eu acho mais fácil comprá.*⁷⁹

Analisando as falas de Dona Maria Olímpia e Dona Maria Augusta é possível dizer que elas preservam saberes que foram adquiridos ao longo de dias trabalhados junto com os pais e pessoas mais experientes. Elas gostam de fazer polvilho e farinha de mandioca da maneira que aprenderam, preferindo comprar a

⁷⁸ Entrevista realizada com Maria Olímpia da Silva Oliveira em Agosto de 2003.

farinha de milho por ser trabalhosa e também pela facilidade que possuem atualmente de ir até a cidade.

Se o acesso à cidade foi facilitado e novos equipamentos e maquinários foram introduzidos no campo para contribuir na realização de muitas tarefas, por outro lado novos problemas emergiram. Desse modo, além de gostar de viver no campo, dos saberes adquiridos ao longo das experiências compartilhadas e a posse de um “pedacinho de terra”, foi preciso que os pequenos proprietários mudassem a maneira de produzir, e até mesmo o que produzir para, assim, conseguir permanecer.

Segundo os sujeitos sociais entrevistados, na década de 1950, 1960, 1970, o tempo do trabalho era o tempo da natureza. “*As chuvas começa sempre no mês certo, parece que tinha compromisso com a terra*”⁸⁰. Porém, este tempo foi passando por alterações, talvez devido à construção de barragens, à utilização de técnicas para o preparo e cultivo da terra, logo, estes trabalhadores que tinham suas rotinas pautadas no ciclo da natureza, sentem-se sem sombra de dúvida, deslocados porque “*num tem mais tempo certo pra começa a planta*”⁸¹.

As ações antrópicas também são responsáveis pela alteração do “tempo de planta”, pois quando não se fazia necessário o uso exagerado de produtos industrializados, as chuvas eram regulares e os maquinários ainda não haviam substituído a força humana no trabalho, pois eram os animais que auxiliavam na maioria das tarefas rotineiras necessárias para cultivar uma lavoura. Nesse momento, grande parte dos trabalhadores rurais fazia da plantação do arroz, do milho, do algodão a principal forma de ganhar a vida.

As técnicas utilizadas na produção que essa geração entrevistada conhecia é bem diferente das técnicas utilizadas atualmente. Dizem que alguns instrumentos nem existem mais, como bancas de bater arroz, gradiador de animal,

⁷⁹ Entrevista realizada com Maria Augusta Rocha Félix em Agosto de 2003.

⁸⁰ Entrevista realizada com Dinovan Martins da Silva em Janeiro de 2004.

⁸¹ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

instrumentos que eram constantemente utilizados e que foram desaparecendo ao longo dos anos.

Analisemos a fala de Dona Maria Olímpia que nos possibilita pensar tais mudanças:

Comecei cedo, minha fia. Acho que tinha uns seis ano. Nessa idade num fazia serviço muito pesado não. Ajudava assim, meu pai colocava a gente pra puxá os animais quando eles era novo de serviço e num sabia trabaíá, era uma espécie de guia. A gente ia na frente puxano o cavalo e meu pai ia atrás controlano o arado a carpideira, o que ele tivesse usano pra prepará ou pra limpa a terra. Outra coisa que fazia muito era prantá as coisas que não usava matraca, porque nessa época eu ainda não sabia prantá de matraca. Assim, vô te explicá: quando prantava arroz principalmente, a gente pegava uma enxada e ia furano entre os espacinhos que ficava entre os pé e prantava semente de melancia, de muranga, de abobra, de pipino, e perto das cerca, onde as leras finda, sabe né, a gente prantava muito quiabo. E nós minina ficava cum esse serviço. Ah, tamém era nós que buscava comida em casa pro meu pai. Aí conforme a gente ia envelheceno, a gente ia ganhano mais serviço. Ia aprendeno a lida com a enxada, com a matraca, a fazê de tudo, que se faz numa lavora. (...) Depois de grande, a gente passava até carpidera cum animal.⁸²



Figura 07: Dona Maria passando carpideira em uma lavoura de arroz, enquanto seu marido almoçava. Acervo particular do Senhor Divino Ferreira. Novembro de 1978.

⁸² Entrevista realizada com Dona Maria Olímpia da Silva Oliveira em Janeiro de 2004.

Essa fotografia foi tirada pelo vizinho de Dona Maria, até mesmo sem ela ver. Divino disse que tirou a foto porque admira muito Dona Maria e quis guardar a fotografia para mostrar para as netas, pois essa nova geração não quer saber de trabalho pesado, principalmente se for na roça.

O que pode ser percebido ao analisar a fala de Dona Maria é que todas as pessoas da família tinham uma função, até mesmo as crianças. Todos trabalhavam para ajudar a garantir o sustento. O contato que as crianças tinham com a terra desde cedo era fundamental para a própria aprendizagem das mesmas, o que pode ser apreendido na fala de Dona Lázara.

A vida que se leva hoje é muito diferente, porque hoje minino num faiz nada, tá aqueles rapaizão e moção e nem faiz nada né. E eu não, eu tinha sete ano, eu e meu otro irmão, meu pai levantava nós cedo, porque ele num amarrava o bizerro na mão da vaca não, ele laçava ele e a gente tinha que segurá na corda. Ele falava ocêis vai pra lá sigura bizerro procêis aprendê a mexê cum gado, e nós ia. Quando eu fui ficano maiorzinha e meus irmão foi casano, eu é que tirava leite da vaca. E isso ele levava nós pra ajudá a fazê tudo, mais foi bão que a gente aprendeu.(...)⁸³

O cuidar da terra para esses moradores é algo que sempre fez parte de suas rotinas diárias, por isso que todos, de uma maneira ou de outra, encontram uma forma de relacionar a realidade que presenciam atualmente com o que viveram no passado. Tanto o Senhor Gilvaldo quanto a Dona Maria Olímpia falaram da fecundação da terra na época de plantio ou da preparação dela para esta finalidade. Porém, cada um elegeu e contribuiu com lembranças específicas. O Senhor Antônio, por exemplo, falou da preparação da terra, mas lembrou de detalhes que ainda não haviam sido lembrados.

O carro de boi era o recurso mais sofisticado, na época que a gente ajudava meu pai a plantá lavora. A gente podia usá o carro cum dois, ou cum quatro boi, a diferença é que o manuseio cum dois é mais fácil, mais a força de quatro é bem maior. (...) Aí amarrava os bichinho no arado, o candieiro ia puchano e ia outo garrado no arado e ia arano. A nossa roça era poca coisa, era mais pru gasto, se desse era uns quatro alqueris. Mais tinha gente que arava deiz, quinze alqueris. Esse era o meio que se tinha. Então ninguém achava difícil. Se a gente presta atenção, vai percebê que a

⁸³ Entrevista realizada com Lázara Martins Freitas de Janeiro de 2004.

*gente acha alguma coisa difícil de fazer, se descobri que tem um jeito mais fácil de fazer.*⁸⁴

O Senhor Antônio, o Senhor Valtair, a Dona Carmita, dentre outros entrevistados, vêem o carro de boi, a água tirada através do sarilho, o banho de bacia, como algo pertencente ao passado. Mais uma vez venho lembrar que o Senhor Dinovan vivencia essa realidade, pois para ele a tecnologia que tanto é comentada, ainda não chegou em seu pedacinho de terra. Ele não é o único pequeno produtor a não possuir energia elétrica, água encanada e outros benefícios que produtores com maiores recursos possuem. Infelizmente, estas são diferenças que vão contribuindo para aumentar as desigualdades sociais. Seu Dinovan fala com muito amor e paixão da vida que leva, algo que infelizmente não conseguirei retransmitir para o trabalho com tanta intensidade, mas que para mim foi sem dúvida uma lição de vida.

Dona Terezinha também narra algumas mudanças que ocorrem em relação a produção:

*A gente já plantô muito arroz, mio, feijão, essas coisa a gente num comprava não. A gente preparava a terra deusdo início e plantava o que a gente ía gastá no ano (...) mais todo mundo tinha sua matraca, sua inxadinha, e todo mundo trabaiava, pra ajudá. A terra era boa, era terra produtiva, agora hoje com a evolução as coisa foi se tornano mais fácil, veio o trator pra ajudá, mais as terra num é como antes, prá dá alguma coisa tem que adubá, comprá semente pra prantá. Num dianta a gente fazê igual antes que num vira (...)*⁸⁵

Através do depoimento de Dona Terezinha é possível perceber que o que mudou não foi apenas as técnicas utilizadas no cultivo, mas a natureza, a terra está dando resposta aos produtos químicos utilizados. Toda uma cadeia natural está passando por transformações e as pessoas que sempre utilizaram meios naturais para cultivar o solo não conseguem mais tirar deste o necessário para viver.

Dona Lázara diz que:

⁸⁴ Entrevista realizada com Antônio Ferreira de Sousa em Agosto de 2003.

⁸⁵ Entrevista realizada com Terezinha Almeida Furtado em Janeiro de 2004.

É triste demais pensá que hoje pra ará uma terra e gradiá só precisa de um trator e de um home, seno que no início precisava de boi, de mais gente, sabe que sinto falta. Pode tê certeza que as coisa era difícil, mais era feita cum amor, tinha mais união entre as pessoa e os animais, todo mundo precisava um do otro pra vivê, hoje parece que num precisa mais.⁸⁶

Para Dona Lázara não se perdeu somente uma forma de cultivo e conseqüentemente a de sobrevivência, também se perderam práticas que eram mantidas pelas pessoas quando em contato com a natureza e os animais: “*tinha mais união entre as pessoa e os animais, todo mundo precisava um do otro pra vive, hoje parece que num precisa mais.*”

O Senhor Dinovan também narra que com as mudanças ocorridas modificou a maneira de plantar:

De primeiro só prantava na beira dos corgo. Agora as beira de corgo acabô e o povo passô a plantá foi no alto, no espigão mesmo. Mais aí é que vem o probrema, pra colhê tem que usá adubo. Não porque a terra enfraqueceu, nós que mudamo o lugar de plantá. (...) Eu continuo tentado prepará a terra igual aprendi com meu pai, purisso que num disfaço desse carro de boi de jeito nenhum, ele pra mim num é infeite, é meu instrumento de trabaio. O povo as veiz me vê trabaiano acha que sou doido, mais prifiro trabaiaá, dá uns murro em ponta de faca que tê que comprá, porque se a gente paga prá prepará a terra a gente num vai consegu banca os gasto.⁸⁷

Analisando o depoimento do Senhor Dinovan podemos perceber que os córregos da região sofreram muita ação do homem, ou seja, não foram conservadas as matas ciliares, pois era prática dos agricultores plantar “*na beira dos corgo.*” O Senhor Dinovan sempre plantou milho, arroz, feijão em pequena quantidade. Quantidade necessária para comer, pois nunca se apoiou na lavoura para complementar a renda. Antes de mexer com leite, fazia rapadura para vender ou trocar em outros produtos, uma prática que foi herdada de seu pai.

Com o passar dos anos, o cultivo na região foi reduzido, passando a atender somente às necessidades familiares. Isso porque as técnicas utilizadas para a produção foram sendo alteradas e os pequenos produtores não mais podiam competir com os grandes que passaram a produzir uma elevada

⁸⁶ Entrevista realizada com Lázara Martins Freitas em Janeiro de 2004

⁸⁷ Entrevista realizada com Dinovan Martins da Silva em Janeiro de 2004

quantidade devido à utilização dos maquinários. Porém, atualmente, já são raros os produtores que plantam milho, arroz, feijão para o próprio consumo. Alegam que os produtos colhidos não pagam o custo que possuem com o cultivo.

O que planto é pra mim, minha namorada e os fios, os netos, as visita cumê. Mais pra mim e minha namorada, porque eu a Rusária ficamos dias sem recebe visita. Quem vem mais aqui é o Jesus, mais muito difícil vim prá pegá o rango. Não adianta querê prantá pra vendê, porque se for pra prantá um pedaço maiô, eu já num consigo ara tudo com os boi, e se tivé que pagá pra alguém vim aqui de trator, já imbolo o meio de campo, num compensa. A gente tenta prantá um arroizinho pru gasto, um mio pra da aos porco e as galinha, uma caninha pra fazê a rapadura que a gente vende, e tem uma vaquinha pra tirá um leitinho pra ajudá nu sustento. Agora feijão é mió comprá, porque se for pra prantá tem que comprar veneno pra jogá, porque ô coisa que pega praga, e esse veneno é muito caro. Antigamente sê pricisava vê que beleza de feijão que a gente culhia aí em baixo no brejo, mais hoje num colhe é nada se a gente prantá e dexá por conta de Deus igual era.⁸⁸

Segundo o Senhor Dinovan, “*não adianta quere prantá pra vende*” porque ele não possui recursos necessários para cultivar uma lavoura maior. Sendo assim, seria necessário envolver outras pessoas no processo e isso elevaria o custo do produto final. Depois, com o que se iria colher não seria possível cobrir os gastos com mão de obra e equipamento de terceiros. Não podemos deixar de lado que atualmente “*num colhe é nada se a gente prantá e dexa por conta de Deus igual era*”, é necessário gastar com insumos e pesticidas.

Dentro da diversidade de atividades que realizam, os pequenos proprietários sempre encontram uma nova maneira de garantir o sustento. O melhor de tudo é ouvir o relato de cada um e perceber que eles falam do trabalho com amor, com prazer. Claro que plantam uma horta, uma árvore frutífera pensando no que ela poderá oferecer, mas também sentem-se envaidecidos quando olham para o quintal e dizem (...) “*tá vendo aquele tanto de pé de laranja ali, foi eu que prantei, eu prantei em março, tava cáino uma chuva bem fininha.*”⁸⁹ Percebem o retorno que possuem ao trabalhar. “*Cê num sabe o tanto que é bão olha pra esse tanto de prantação que tem aqui, e sabe que foi nós que planto, eu*

⁸⁸ Entrevista realizada com Dinovan Martins da Silva em Janeiro de 2004

⁸⁹ Entrevista realizada com Carmita Leite Barbosa em Janeiro de 2004.

*e minha muié, porque quando a gente mudo pra cá num tinha nada.*⁹⁰ Procuram dentro dos recursos que possuem, tirar da terra o máximo de sustento para a sobrevivência. *“Esses dias a gente tava almuçano e eu falei pru meu marido, olha só, do que a gente tá cumeno só o sal e o feijão que a gente compro. Porque o frango, o arroz, a abobrinha, o ovo, a farinha e a alface a gente é que pranto.”*⁹¹

Pude perceber que os antigos moradores lamentam a desvalorização do trabalho que exercem, uma vez que os hábitos foram mudando e o uso de maquinário veio substituir todo um sistema de relações de trabalho e de tempo.

*Hoje, dependendo a pessoa, se ela for prantá, e ela comprá, sai mais barato do que prantá. No meu caso, que esse ano paguei R\$ 1.000,00 por alqueire para dar a terra arada, não gradiada. Só para tombar a terra paguei isso. Sai que preço o litro de terra? Se eu pega e comprá 15 saco de arroz, da para mim cumê um ano. Hoje é trinta conto um saco, pagaria R\$ 600,00. Num compensa. (...) Isso porque eu não tenho maquinário. Se fô pra plantá e tê que pagá pra prepará a terra, paga pra pranta, se for de plantadeira. Aí eu vou limpa. Vou paga pra colher. Aí só o dinheiro que investi ali dava para mim cumê. Se eu perdê a roça então, o dinheiro que investi, dava pra mim cumê dois anos. Numa coisinha de nada, você gasta R\$ 1.000,00, procê planta meio alqueri de terra por exemplo. Hoje tá difícil, tudo que faiz hoje, o custo tá mais caro*⁹².

O maior problema enfrentado pelos moradores aqui investigados é realmente essa questão da desvalorização de seus produtos, como evidencia o Senhor Gilvaldo. *“Hoje, dependendo a pessoa, se ela for pranta, e ela compra, sai mais barato do que prantá”*. Isso porque toda uma rede de relações foi alterada e a maneira de trabalhar a terra também.

A vida hoje é muito mais difícil. Pensa bem, tempos atrás a gente dependia do cavalo pra tudo, pra prantá roça, pra passear (...) Eu gastava trinta dia pra í no Beraba, hoje eu saio daqui vô lá na casa das minhas duas irmã e ainda vorto pra casa, fico fácil, mas naquele tempo que eu gastava trinta dia ainda era mais fácil. Se ocê tivesse um mirréis naquela época, ocê inchia um carro de sale, e sale naquela época era caro. Hoje você pega, que pega dinheiro, e num consegue fazê nada, parece que ele perdeu o valor. Nada e ninguém tem mais valor. As pessoa tá vivo de um jeito

⁹⁰ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

⁹¹ Entrevista realizada com Terezinha Almeida Furtado em Janeiro de 2004.

⁹² Gilvaldo Félix. Outubro / 2003.

*diferente, onde quem põe preço no que a gente faz, não é a gente, e sim os outro.*⁹³

Paremos para pensar o que o Senhor Valtair esta reivindicando, ele, assim como o Senhor Gilvaldo, está querendo nos mostrar que a qualidade de vida que possuem atualmente não é a mesma que antes se tinha e que as mudanças causaram impactos que se refletiram diretamente em suas relações sociais. Por mais que para ir a Uberaba se gastava trinta dias, eles conseguiam comprar o que precisavam. Atualmente, podem ir com maior rapidez, mas não conseguem comprar o que necessitam devido a desvalorização dos produtos produzidos no campo.

Outro ponto que acho que complicou ainda mais a vida dessas pessoas que moram e trabalham no meio rural, são os atravessadores, pois tudo que produzem vendem para outras pessoas comercializar. E quando iam a Uberaba fazer as compras, que basicamente era a compra de sal, querosene e açúcar, sempre levavam produtos para vender, dependendo do comércio, até trocavam. *“A gente levava arroz, carne seca, banha de porco e até mesmo porco vivo para vender no Uberaba, a gente aproveitava a viagem.”*⁹⁴ *“Como Uberaba era a cidade mais mió que tinha na região, a gente levava o que a gente produzia aqui pra vende lá, e comprava lá o que a gente precisava aqui. A gente mais levava que trazia.”*⁹⁵

Em um momento da entrevista o Senhor Valtair ressaltou que hoje quando um trabalhador rural leva frangos, pimentas, queijos, para vender na cidade (Campina Verde / Honorópolis⁹⁶ / Iturama / São Francisco de Sales) quem compra é que determina o preço que vai pagar, porque existe muita oferta de produtos e poucas pessoas para comprar, isso por causa do tamanho das cidades mencionadas e principalmente por causa do contato que os moradores destas possuem com o campo. Muitas pessoas que moram nestas cidades trabalham no meio rural e, devido às relações que mantêm com os moradores, sempre ganham

⁹³ Entrevista realizada com Valtair Oliveira Medeiros em Janeiro de 2004.

⁹⁴ Entrevista realizada com Valtair Oliveira Medeiros em Janeiro de 2004.

⁹⁵ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

⁹⁶ Distrito de Campina Verde

produtos como os mencionados.

(...)Cê acredita que a minina que mora aqui perto tá vendendo um saquinho deste de açúcar, de plástico, de 5 kg, amarrado pela boca de quiabo por R\$ 0,50. A muié do sacolão daqui⁹⁷ disse que não pode pagá mais, e só aceita quiabo piquinininho, de primeira. Antigamente as coisa que a gente plantava e vendia tinha valor. Um litro de banha por exemplo, num dá pra pagá um litro de Óleo, parece que só tem valor as coisa que é industrializada. O povo gosta muito de coisa bunita né, imbalagem⁹⁸.

Quando o Senhor Valtair fala do passado ele não quer voltar a ele, até mesmo porque isso é impossível, as lembranças existem devido a essa impossibilidade, mas elas relampejam no presente aquilo que carece de melhora, de mudança e de transformação social, pois ele está falando da perda do passado para assinalar uma situação de opressão. Não são mais eles (moradores rurais) que dominam o tempo e nem o preço daquilo que produzem.

A realidade dos entrevistados se comparada com a que presenciaram há muito tempo atrás é extremamente distante. Distante não só na quantidade de anos transcorridos, mas especialmente no modo de viver.

Sapato eu fui calçá eu já tinha 20 e tantos anos. A minha primeira butina eu comprei com 18 ano. Eu ficava discalço, nunca tinha colocado nem uma chinela havaianas no pé. Meu primeiro par de butina eu trabalhei e comprei. Paguei vinte cruzeiro antigo, uma nota vermeia. Trabeiava por 20 cruzeiro naquele tempo por dia, de sole a sole, uma lava pé comia o pé da gente. Era sofrido, era difícil ganhá dinheiro naquele tempo. Acho que trabalhei três dias para comprar a butina. Mais quase num carcei esse par de butina, pois num quentava, apertava muito. Aí calçava só pra passia, mais naquele tempo quase não passia. Por males dos pecados o pé ainda não tinha parado de crescê. A butina ficô depois de dois ano, novinha! Eu lembro até hoje, eu comprei ela em Ituiutaba, uma butina roxa.⁹⁹

Fazendo uma reflexão sobre as falas do Senhor Valtair e do Senhor Gilvaldo percebemos que a vida que esses moradores partilharam tinha “qualidade” mesmo calçando botinas aos vinte anos, porque a importância do viver no campo estava imbricada nas práticas diárias, nas relações que eram mantidas

⁹⁷ Está se referindo a Honorópolis

⁹⁸ Entrevista realizada com Valtair Oliveira Medeiros em Janeiro de 2004.

⁹⁹ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

entre a família e os vizinhos. A botina não passava de um acessório dispensável ao modo de vida.

No diálogo com esses sujeitos fui percebendo que os modos de viver foram se modificando de acordo com as necessidades que foram surgindo. A lavoura é uma das atividades exercidas por estes trabalhadores e que foi ganhando valor diferenciado ao longo dos anos. A mudança de como plantar, o que plantar ou até mesmo o não plantar, correspondem a tentativas de permanecer no campo.

*Se a gente num tivesse começado a mexê cum leite a gente tava inrolado, porque quem planta lavora hoje é quem tem dinheiro, recurso. A última roça que a gente plantô mesmo pra vendê foi em 76. De lá pra cá a gente andô vendendo um carro de milho ou outro, mais foi coisa poca, só quando a roça fica muito boa e dá mais que a gente precisa. E se dá a mais que a gente precisa, num compensa dexá no paiol pra caruncho cumê né. Na verdade a gente num parô de plantá, só que plantá um tanto que é mais fácil de cuidá, num depende tanto dos outro. Aí planta uma hortinha, um quintal, cria um porquinho, uma galinha pra ajudá, e tem o leitinho pra vendê prá consegui um dinheirinho pras coisa necessária. (...) A gente precisa mexê e sabe fazê de tudo um pouquinho pra consegui vivê bem aqui.*¹⁰⁰

Na fala de Dona Maria Augusta podemos perceber, através de sua experiência, que foi necessário expandir as atividades que realizava para conseguir permanecer no campo. Foi onde a pecuária leiteira ganhou espaço nas atividades realizadas por estes pequenos proprietários. O comércio leiteiro surgiu como uma possibilidade de arrecadar dinheiro, por não precisar de tantos cuidados e também por propiciar uma renda mensal. *“Foi cum o leite que a gente passo a tê um dinheiro todo mês, porque o latícinio paga por mês, quando era lavora a gente só pegava dinheiro quando vendia a safra”*¹⁰¹.

*“Em termo de trabalho braçal, num mudô tanta coisa passá de lavora pra leite”*¹⁰², isso porque pequenos proprietários tiram leite manualmente. Se tinham que cuidar das lavouras, agora precisam cuidar dos animais, precisam cultivar para também alimentá-los, principalmente na época da seca.

¹⁰⁰ Entrevista realizada com Maria Augusta Rocha Félix em Agosto de 2003.

¹⁰¹ Entrevista realizada com Antônio Ferreira de Souza em Agosto de 2003

¹⁰² Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.



Figura 08: Gilvaldo Félix tirando leite para ser revendido a um laticínio.
Acervo particular do Senhor Givaldo Félix.
Março de 2002

Como é possível observar ao analisar a figura 08, o Senhor Gilvaldo, como todos os entrevistados, tira leite manualmente para ser fornecido ao laticínio. Não possui barracão coberto, a posição que fica para ordenhar as vacas não é fácil para um senhor que já tem 56 anos. Segundo ele, já conseguiu com o passar dos anos fazer melhoria no seu local de trabalho, pois fez o curral de tábuas, conseguiu calçá-lo de pedras. Para ele essas benfeitorias já propiciaram uma melhora muito grande no trabalho, pois na época das chuvas não (...) *“precisa ficar com barro na canela pra tira leite”*¹⁰³.

O Senhor Valtair é um dos entrevistados que também narra a redução da lavoura e a expansão do leite como uma alternativa vinculada a permanência.

¹⁰³ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

Na década de 70 que chegaram laticínios na nossa região. Pra trás era só leite disnatado, o creme. Hoje já pega o leite de latão todo dia, agora o de tanquinho já pega de dois em dois, três em três dia. Hoje toda cidade tem laticínio, chega em Honorópolis tem, em Itumara tem três, toda vizinhança hoje tem laticínio. Em 52, 54, quando eu comecei a mexê cum leite, eu tinha que tirá e levá lá no Horácio, para ser vendido pra Tuitaba, mais não era leite, era o creme. A firma chamava Frajato. Eu fui uns dos primeiro que comecei a mexê com o creme, pois sabia que esse negócio de lavora era muito milindroso. Então passei a prantá só pru gasto e tirá o leite, disnatá e vende o creme. (...) O leite era disnatado numa disnatadeira da moda de um munho de moê café, com uma bacia grande, onde você colocava o leite e tocava uma munheca. Aí o soro saía de um lado e o creme de outro. De 5 em 5 dia arrumava aquele creme nuns latãozinho, trelava e jogava em cima do cavalo pra levá no ponto que o caminhão passava pra pegá. As coisa mudô tanto que tem gente falano que daqui uns dia os laticínio já vai querê pegá só leite resfriado. Coitado dos que num tem condições de tê um tanquinho, vai ter que pensá noutra forma de ganhá dinheiro pra vive.¹⁰⁴

A realidade dos pequenos proprietários que possuem o leite como uma maneira de ganhar a vida está se tornando a cada ano mais complicada. Os laticínios ultimamente pagam menos para quem tira uma quantidade pequena de leite e faz a entrega em latões, mas já mandaram representantes visitar os fornecedores e oferecer planos de financiamento para a compra de resfriadores de leite (tanquinho), pois daqui a dois anos, no máximo, não estarão mais pegando leite em tambor. Alegam que este procedimento gera prejuízos aos laticínios devido ao tempo que o leite leva para chegar e ser resfriado.

Para muitos trabalhadores a aquisição deste tanquinho é praticamente impossível, pois o dinheiro que ganham com leite, mal dá para fazer as despesas necessárias em casa, cuidar do gado (Vacina, remédios, ração). Este é um problema que angustia muitos pequenos proprietários da região. Como o dinheiro

¹⁰⁴ Entrevista realizada com Valtair Oliveira Medeiros em Janeiro de 2004. Ele não se inclui, porque atualmente ele tira uma pequena quantidade de leite e leva todos os dias para vender em Honorópolis, o que sobra, geralmente faz queijos para vender posteriormente. Ele não depende de laticínios para comercializar seu produto. Disse que faz essa atividade porque gosta, porque com o dinheiro que ele e a esposa ganham da aposentadoria daria bem para eles viverem.

representa, e sempre representou poder em nossa sociedade, os pequenos produtores tendem a ser sugados pelos grandes.¹⁰⁵

O Senhor Antônio contribui com alguns dados para pensarmos a atual situação dos pequenos proprietários.

*Nessa questão do leite (...) muitos já tentaram unir para comprar um tanquinho, pelo menos em quatro, cinco, pois um tanquinho menor, de dois mil litro tá custano em torno de R\$ 8.000,00 reais. O problema é que nunca chega num acordo por causa da distância, da questão da energia, da casinha que tem que fazê pra colocá ele. Quem for ficá cum o tanquinho num precisará levá o leite longe, pois o problema de quem tem terra piquena como eu, é que é isolado dos outro piqueno, se eu fô leva leite lá no Juraci que é um dos que tava quereno entra na sociedade, e é o mais perto, eu ia gastá uns trinta minuto de carroça só pra levá, isso é quando num tivé de chuva. Sem falá que depois tinha que dividi energia gasta pra resfriá e tinha que ajudá ele a fazê a casinha e ele é que ia ficá com todas as benfeitura, então não é fácil.*¹⁰⁶

Como podemos perceber pelas narrativas, o leite na década de 1960, 1970, até mesmo 1980, era mais um componente de uma rede de produtos produzidos no campo e eram comercializados, porém, com as mudanças, ele é quase que exclusivamente o único produto produzido com este fim. Podemos perceber e analisar tal questão na fala do Senhor Gilvaldo:

A lavoura num dá mais trabalho que leite, mais é que as coisa mudô, procê té noção, na década de 60, 70 tudo que era plantado era financiado pelo governo. Ôce já plantava o arroiz, o milho, algodão, na nossa região aqui era o arroiz e o milho, plantava com um valor x. O governo garantia o preço da saca. Se colhia e não achava um atravessador que pegava aquilo, tinha

¹⁰⁵ A redução das cooperativas é outro fator que agrava ainda mais a situação dos pequenos produtores. Segundo SANTOS e FONSECA, na última década houve uma redução do número e da importância das centrais cooperativas, resultando em tremenda concentração na área de captação e processamento de leite no País, levando a uma oligopolização desse segmento devido à expansão acelerada do parque industrial lácteo de grandes empresas multinacionais. Paralelamente, as grandes cadeias de varejo aumentaram de forma significativa a sua importância como canal de comercialização dos produtos lácteos e, hoje, este é um dos setores que atuam na formação do preço do leite. Nessa circunstância, o poder de barganha do produtor fica absolutamente comprometido, sendo os pequenos proprietários os maiores prejudicados devido a quantidade que produzem. Ler mais sobre o assunto em SANTOS, Marcos Veiga e FONSECA, Luis Fernando Laranja. Granelização e resfriamento do leite e seu impacto sobre a qualidade. **Revista Leite & Derivados**. Edição Nº 71. Julho 2003..

¹⁰⁶ Entrevista realizada com Antônio Ferreira de Souza em Agosto de 2003.

uma tabela do governo no banco. A gente num perdia, plantava sabendo que pelo menos ia receber aquele valor, se Deus ajudasse que colhesse. Agora de uns anos pra cá as coisa encareceu demais, adubo, petróleo, tudo, tudo por tudo. Aí cadê o incentivo do governo? Num tinha. Se colhia uma saca de arroiz, pouco tempo pra cá, na época que entrou o real, cê ia vende era R\$10,00, sendo que o dia do funcionário também era R\$ 10,00, e ainda tem que dá a boia pra pessoa. Então num dianta tem que pará. Ainda num tem a garantia do governo. Aí foi onde o povo parô de planta, pois o que se pegava no banco tinha que pagá e nem sabia se ia vendê o que tinha colhido. O que adiantava colhê um monte de arroiz se não tinha para quem vendê. Foi aí que muita gente procurô a cidade pra morá e outros começô a mexê mais cum leite, que é um negócio menos arriscado. (...) Nós aqui pranta pro gasto e tira leite pra vendê.¹⁰⁷

Muitos trabalhadores não quiseram investir na produção leiteira para não abrir mão do plantio das lavouras. Por isso, continuaram arriscando a sorte neste ramo e os resultados obtidos nunca eram viáveis (...)“*e foi aí que perderam tudo, o banco pego tudo. E isso não aconteceu cum um, ou dois, foi cum muita gente. Acho que num quiseram mexe cum leite porque num tinham prática.*”¹⁰⁸

Analisando a fala do Senhor Gilvaldo é possível perceber que os modos de viver no campo foram alterados principalmente por questão política, mudanças na relação da política de financiamento¹⁰⁹. Pois “*cadê o incentivo do governo? Num tinha.*” Os pequenos proprietários não tinham a quem recorrer para conseguir verba necessária para iniciar o plantio, sem falar que, se pegassem dinheiro com agiotas poderiam correr o risco de não ter para quem vender a produção e conseqüentemente não iriam conseguir saldar o empréstimo. Mas jamais desconsideremos que muitas mudanças ocorreram devido à inserção de máquinas no sistema de produção e alterações ambientais.

¹⁰⁷ Entrevista realizada com Gilvaldo Félix em Outubro de 2003.

¹⁰⁸ Entrevista realizada com Lázara Martins Freitas em Janeiro de 2004.

¹⁰⁹ Para melhor compreensão do que estava ocorrendo no país durante as décadas reportadas como tempo de mudança pelos sujeitos entrevistados, destacamos os trabalhos de: MIRANDA, L. L. **A Política de Crédito Rural nos anos 70: Modernização e Mudanças nos Agros-nacional, Regional e Local na Abordagem dos Jornais de Uberlândia, MG.** Monografia (Bacharelado em História) Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 1999; e o de: SILVÉRIO, D. L. **Campo/Cidade: Encantos, Experiências e Trajetórias de trabalhadores no município de Uberlândia (1970 – 2003).** Monografia (Bacharelado em História) Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2003.

A minha preocupação quando penso o meio rural é justamente na distribuição injusta que existe de terras e, conseqüentemente, de condições dadas para o grande, o médio e o pequeno produtor.

Dona Lázara demonstra preocupação ao narrar a situação em que se encontra:

Todo mundo precisa trabaia pra pode vive né, e a gente sempre procura fazê o que a gente sabe, ou pelo menos acha que sabe. A gente cumeçô a mexê cum leite bem mais cedo, quando o preço era ainda bõo, porque hoje a gente tá é precisano colocá a cabeça pra funcioná e arranjá outra coisa que dá dinheiro, pra gente vivê mais tranquila. Porque hoje o que mais tem é laticínio, e não pagam nada que presta. (...) Mais muitos demorô a mudá de ramo, coloca o leite na frente da lavora, e coitado, teve uns que nem colocô. E quem não mudô perdeu muito porque as chuva em 75, 77, nesse período dos anos entre 70 e 80 foi muito ruim. Acho que o tempo foi mudano cada vez mais, e agora é difícil acertar a época boa de plantá né. Mais a gente tenta sempre salva o do gasto.¹¹⁰

Pela fala de Dona Lázara percebemos que mesmo cultivando o do “gasto”, ou seja, o que consome, e com o dinheiro arrecado com o leite, ela não está conseguindo “vive mais tranquila.” Há várias questões em jogo: um sistema de vida que foi destituído pela concentração da terra nas mãos de poucos, a não valorização dos produtos produzidos pelos pequenos proprietários. Então, talvez a melhor “opção” que Dona Lázara, o Senhor Juca, a Dona Maria Olímpia, os pequenos proprietários tiveram na década de 1970, 1980 era não permanecer no campo, isto é, deveriam ter feito como a maioria de seus vizinhos, ter vindo para a cidade tentar uma nova vida, mas se tivessem partido, como possivelmente estariam vivendo? A monografia de SILVÉRIO apresentada nesta universidade, para o curso de História em 2003, é muito pertinente para pensarmos como estão vivendo os que partiram deixando o campo.¹¹¹

¹¹⁰ Entrevista realizada com Lázara Martins Freitas em Janeiro de 2004.

¹¹¹ O trabalho de SILVÉRIO teve grande importância para que eu pudesse refletir e ter uma visão mais abrangente do processo, pois a cidade não absorveu muitos que saíram do meio rural como cidadãos. O que antes era expectativa de uma nova vida, passou a ser decepção. A partir desse não reconhecimento, os trabalhadores que não se reconheceram e não foram aceitos no meio urbano almejam retornar e lutar pelo direito ao campo. SILVÉRIO, D. L. **Campo/Cidade: Encantos, Experiências e Trajetórias de trabalhadores no município de Uberlândia (1970 – 2003)**. Monografia (Bacharelado em História), Inst. de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2003.

Percebemos diferentes elaborações na fala dos pequenos proprietários que vivenciaram e ainda vivenciam a experiência da vida rural. Na fala deles conseguimos perceber tensões, dificuldades, resistência em mudar a maneira de trabalho, mas mesmo com todas as divergências, nenhum dos trabalhadores entrevistados quer mudar para outro lugar, pois querem permanecer onde estão. Segundo eles, foi lá, exercendo o trabalho rural, que chegaram a ser o que são hoje, formaram suas famílias, ganharam dignidade, lapidaram seus costumes, firmaram suas convicções.

O campo atual não é o mesmo que se tinha há vinte anos atrás, não será o mesmo que é hoje daqui há alguns anos e é isso que torna a história simplesmente instigante, ou seja, saber que existe um futuro a ser desenhado, construído e que o homem é o agente social, que luta por determinadas causas, faz opções e constrói a sua história.

Os pequenos proprietários lutam, clamam por condições que os possibilitem permanecer e preservar os modos de vida que levam. Sabem que em sua maioria estão cercados por grandes latifundiários e que a realidade não é favorável, mas não desistem de lutar pela vida, pois se saírem do lugar onde estão seus referenciais, seus costumes, a cultura que possuem não permaneceriam para ser transmitida aos poucos que ainda querem ter seus saberes pautados na terra e na natureza.

O Senhor Dinovan é um dos pequenos proprietários que espera e anseia por mudanças futuras.

*Talvez pode parecer sonho, mais seria muito bom, se as coisas pudesse ser mais dividida, não tivesse tanta riqueza, e tanta pobreza separada. Se todo mundo tivesse um cadinho suficiente para viver, acho que tudo seria mais fácil, até mesmo pra nós que já tem o nosso cantinho. A gente podia se integrar mais, pois cumé que eu vô querê trocá dia cum quem paga pião, é só pagano mesmo. Entre quem tem e quem num tem, as coisa fica difícil de acertá. Quem sabe Deus abençoa a cabeça de quem tá nu poder pra fazê alguma coisa boa pra quem precisa (...)*¹¹²

¹¹² Entrevista realizada com Dinovan Martins da Silva em Janeiro de 2004.

A história dos trabalhadores aqui entrevistados, que ao longo dos anos vividos foram adquirindo experiências e construindo sonhos, almejando mudanças e possibilidades que os permitissem ficar no campo, é a história do município de Campina Verde. Uma história que não é linear, que não é construída por nomes conhecidos, mas que tem sua importância.

Minina, tem coisa que contei pro cêis, que estão aí, que eu tenho certeza que ocêis não sabia né. E pra geração que vem agora sabe disso só se tivé iscrito em algum livro, e ocê vai escrevê, vai tá registrado, e as pessoa mais nova poderá saber como a gente viveu, as dificuldade que a gente passô. Vai vê que as coisa foi mudano aos poco, que a vida tem um curso a segui e que as coisa num acontece por acaso não, muita coisa depende da gente.¹¹³

¹¹³ Entrevista realizada com José Joaquim Filosino em Janeiro de 2004.

Considerações Finais

Em 1978, nasceu em uma casa simples, de pau-a-pique, na fazenda Barreiro, situada no município de Campina Verde, uma menina. Essa recebeu o nome de Gislaine. Ela cresceu e viveu neste lugar até os doze anos, mas carregava consigo o sonho de estudar e formar, talvez por sempre ouvir dos pais, principalmente da mãe, a importância do estudo.

Era preciso sair dali, daquele lugar que tanto gostava, se mudar para a cidade, pois era lá que iria conseguir formar e ter uma vida melhor. E com esse pensamento peguei minhas coisas, deixei minha família e parti para Uberlândia, em 1994.

Como todas as pessoas que deixa seus costumes, suas origens, para tentar uma vida nova em outro lugar, passei por um período de adaptação. Não foi fácil incorporar novos valores, superar as dificuldades financeiras, conseguir persistir aqui em Uberlândia com o pouco dinheiro que meus pais me mandavam com tanto esforço. Hoje posso dizer que falta pouco para realizar algo que coloquei como meta para minha vida e um sonho de meus pais, concluir um curso superior.

O melhor é que pude realizar um trabalho que leva em consideração os modos de vida de muitas pessoas que ficaram no campo. Sei que não falei coisas tão inovadoras que possibilitarão ocorrer mudanças ou proporcionar uma revolução, mas falei de pessoas, de sentimentos, de modos de vida que não estamos acostumados a refletir.

Acredito que poucas vezes, nós que compomos o meio acadêmico, paramos para pensar sobre os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos pelos trabalhadores idosos que vivem na zona rural e que não participaram de grandes acontecimentos históricos. Aproveitei a oportunidade para fazer o convite a essa reflexão.

Existem coisas simples que tornam esses trabalhadores, seres humanos diferentes. Geralmente quem vive na cidade grande se preocupa muito com o relógio, pois o tempo parece ser cronometrado. Já os moradores rurais, não vivem somente em função do tempo demarcado por este objeto, ainda acompanham o ciclo da natureza, o nascer e o pôr do sol.

Apesar de muitas coisas terem se perdido no modo de vida dos pequenos proprietários investigados neste trabalho, eles ainda conservam práticas que eu mesma, que morei alguns anos no campo, não sabia que existiam. Realizar este trabalho foi algo muito gostoso e prazeroso. Dialogar com os entrevistados, conhecer suas casas, foi uma experiência única. Transcrever as entrevistas e refletir sobre elas despertou-me uma vontade de querer retomar a pesquisa, saber mais, aprofundar vários assuntos.

As pessoas idosas de uma maneira em geral tem muito a nos dizer, pois possuem muitas lembranças/memórias de acontecimentos vivenciados. Para realizar este trabalho tive que priorizar alguns assuntos e deixar outros de lado, até mesmo pelo tempo que tinha para concluí-lo. Neste momento, o de priorizar os assuntos, fiquei um pouco frustrada, pois tive que deixar de lado muitas coisas importantes, como as brincadeiras que existiam quando a geração investigada era criança (cantigas de rodas, emboladas...), brincadeiras que não dependiam de brinquedos comprados, mas sim da imaginação de cada um e nas brincadeiras em que esses eram necessários, eram usados aqueles feitos ou por eles próprios ou pelos seus pais, tais como bolinha de seringueira, carrinho de madeira, boneca de linha tecida no tear.

O que posso dizer é que o passado enquanto conjunto da realidade, enquanto definição, não pode ser modificado, pois não podemos retornar ao tempo e dar rumos diferentes ao que já ocorreu. Mas enquanto fonte, desdobramento da sociedade, pode ser sempre renovado, porque o processo histórico nunca se acaba e/ou consolida, sempre pode oferecer novas explicações. Por isso Marc Bloch¹ afirma que a imortalidade do passado é o

¹ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

conhecimento histórico inacabado, ou seja, sempre haverá questões a serem abordadas, esclarecidas.

O que busquei fazer neste trabalho, então, foi escrever a história do município de Campina Verde através de outra perspectiva, buscando ouvir sujeitos históricos diferentes dos utilizados para escrever a história convencional.

Neste trabalho, o tema utilizado para ser investigado foi os modos de viver e permanecer no campo em Campina Verde, no entanto, não se pôde aqui refletir sobre todos os desdobramentos possíveis dessa investigação, alguns aspectos foram deixados de lado, não por serem menos importantes, mas por uma questão metodológica. Como já dito, um tema não abordado foi as formas de brincar, outro as mudanças nas festividades religiosas, como novenas, comemoração de vários dias santo, como São João, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida, entre vários outros santos.

Nesse sentido, acredito que esse trabalho pode se constituir num ponto de partida para novos estudos sobre a realidade desses moradores do campo que demonstram, como o Senhor Dinovan, uma profunda satisfação em ser entrevistado ao dizer que aquela noite foi a melhor de sua vida. A reação desse senhor frente à entrevista nos mostra como esses sujeitos sociais querem se fazer ouvir, querem se sentir respeitados em seus referenciais e valores como sujeitos que são da história.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, P. R. & KOURY, Y. A. A História oral e memórias: Entrevista com Alessandro Portelli. **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, nº 25 e 26, Jul / Dez 2001 - Jan / Jul 2002, p. 27-54.

BATISTA, S. S. de F. **Buscando a cidade e construindo viveres: relação entre campo entre campo e cidade**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, 2003.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, B. A. M. T. **Campina Verde História e Genealogia**. 1ª ed. Araguari: Minas Editora, 1994.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FENELON, R. D. O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo? In: **História & Perspectivas**. Uberlândia:EDUFU, nº6, Jan/Jun 1992, p.5-23.

HUMBERG, M. E. O desenvolvimento brasileiro e suas implicações socioambientais. In: _____. **O Desafio do Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: CL – A Cultural, 1991, p. 25-69.

KHOURY, Y. A. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, nº22, jun. 2001, p. 79 -103.

MIRANDA, L. L. **A Política de Crédito Rural nos anos 70: Modernização e Mudanças nos Agros-nacional, Regional e Local na Abordagem dos Jornais de Uberlândia, MG**. Monografia (Bacharelado em História) Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 1999.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, n ° 14, abril 1997, p. 25-39.

_____. Tentando aprender um pouquinho. **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, nº15, abril 1997, p. 13-33.

_____. Sonhos Ucrônicos. Memória e Possíveis Mundos dos Trabalhadores. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, nº10, dezembro 1993, p. 41-58.

_____. A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes oraís. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1, nº2, 1996, p. 59-72.

SANTOS, M. V. & FONSECA, L. F. L. **Granelização e resfriamento do leite e seu impacto sobre a qualidade. In: Revista Leite & Derivados.** São Paulo: Grupo Dipemar, Edição Nº 71, julho 2003.

SAMUEL, R. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH / Marco Zero, v. 9, nº 19, set/1989 / fev/1990, p 219 –243.

SILVÉRIO, D. L. **Campo/Cidade: Encantos, Experiências e Trajetórias de trabalhadores no município de Uberlândia (1970 – 2003).** Monografia (Bacharelado em História) Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2003.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erro: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. Costume e Cultura. In: _____. **Costumes em Comum.** São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 13-24.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista Projeto História,** São Paulo, nº 15, 1981, p. 51-84.

WILLIAMS, R. **O Campo e a cidade na história e na literatura.** Trad: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FONTES UTILIZADAS

Prefeitura Municipal de Campina Verde

Realizei visitas à Secretaria de Cultura, porém o que pude perceber é que o que existe arquivado no local mencionado são fotos e utensílios doados pela própria comunidade. O maior problema que existe neste departamento é a falta de informações referentes ao que lá está. As fontes estão soltas, parecendo objetos decorativos. As fotos não estão catalogadas e uma grande parte já se encontra danificada pelo mal armazenamento. As pessoas que trabalham no departamento citado acham que tudo está normal. Não existe interesse em montar um acervo para preservar fontes da história da região. Infelizmente não pude aproveitar nada do que pesquisei nos dois dias que passei neste departamento.

Internet

DEPARTAMENTO ESTRADAS DE RODAGEM. Mapa Rodoviário - Campina Verde.
Disponível em: <http://www.der.mg.gov.br>. Arquivo capturado em: 03/12/2003

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA VERDE. Dados Regional.
Disponível em: http://www.campinaverde.net/prefeitura/dados_gerais.htm, Arquivo capturado em: 10/12/2003.

JORNAL PRODUÇÃO DE LEITE. Implantação de tecnologia pelos pequenos produtores. Viçosa-MG, Ano XII, nº134, abril/2000.
Disponível em: http://www.ufv.br/pdpl/jornal/jpl0400_b.htm Arquivo capturado em: 01/06/2004.

Fontes Orais

As entrevistas utilizadas neste trabalho foram realizadas entre Agosto/2003 e Janeiro/2004. Todas foram realizadas com o consentimento dos entrevistados.

Senhor Juca

José Joaquim Filosino, 89 anos, viúvo, não tem filhos, sempre morou na fazenda, trabalhou com o pai até ter suas próprias terras. Uma parte recebeu como herança e outra comprou dos irmãos. Entrevista realizada dia 07/01/04, na varanda de sua casa.

Dona Terezinha

Terezinha Almeida Furtado, 84 anos, casada, mãe de duas filhas, morou praticamente sua vida toda na fazenda, a única época em que não residiu foi quando esteve grávida e teve que morar por volta de um ano e meio, em Campina Verde. Teve uma pequena experiência como professora em 1968, e depois passou a cuidar da casa, das filhas e do marido. Também realizou atividades ligadas ao plantio. Entrevista realizada na área de serviço da casa da mesma, em 05/01/04.

Senhor Valtair

Valtair Oliveira Medeiros, 83 anos, foi proprietário de grandes fazendas que foram doadas aos filhos em 1996. Após a doação mudou-se para Honorópolis e foi viver do dinheiro da aposentadoria e do aluguel de duas casas que possui neste local. Não conseguindo se desvincular do serviço do campo comprou duas chácaras próximas a este vilarejo e passou a tirar leite e vender para as pessoas que povoam o mesmo. Entrevista realizada dia 04/01/2004 na sala da casa do mesmo.

Senhor Gil

Gilvaldo Félix, 56 anos, casado, pai de 03 filhos, morador da região desde seu nascimento, já seus pais moraram na fazenda Água Amarela que faz divisa com o município de Iturama. Sempre trabalhou no campo, primeiramente com lavouras e atualmente com a pecuária leiteira. Viveu uma boa parte de sua vida trabalhando para os outros plantando roça a meia e trabalhando como retireiro, só veio ter o atual sítio em que mora após a morte de seu pai, pois recebeu um pedaço como doação e comprou a parte dos outros irmãos. Entrevista realizada no dia 16/10/03, debaixo de uma árvore chamada “amarelinho” que fica na porta de sua casa.

Dona Maria

Maria Olímpia da Silva Oliveira, 62 anos, casada, mãe de duas filhas, nascida na cidade de Lurdes, sul de Minas Gerais, mudou para o Município de Campina Verde com dez anos. Em muitas etapas de sua vida cumpriu dupla jornada, trabalhando no plantio de roças durante o dia e cuidando dos afazeres domésticos à noite. Foram realizadas duas

entrevistas, uma na cozinha de sua casa em 06/08/03 e outra na área de serviço de sua casa no dia 08/01/04.

Senhor Joaquim

Joaquim Mamede Soares, 87 anos, casado, pai de nove filhos. Residiu em uma fazenda que se localiza próximo ao povoado de Minjolin até 1937, ano no qual se mudou para Campina Verde com os pais para montar uma mercearia, que após o falecimento do pai passou a ser tocada por ele e por um irmão. Trabalhou neste ramo até 1982. Entrevista realizada dia 29/12/03 na Varanda da casa do mesmo.

Dona Carmita

Carmita Leite Barbosa, 67 anos, casada, mãe de 02 filhos, morou em Campina Verde com os pais até os dezessete anos quando se tornou professora rural, profissão na qual atuou por dois anos até se casar com um moço que vivia na roça. Em 1955 passou a morar definitivamente na fazenda. Entrevista gravada em 07/01/04, na sala da casa da mesma.

Senhor Dinovan Bilizar

Dinovan Martins da Silva, 59 anos, casado, pai de 04 filhos, sempre morou no campo, é pequeno proprietário. Entrevista gravada na cozinha de sua casa, no dia 07/01/04.

Dona Lazineha

Lázara Martins Freitas, 60 anos, divorciada, mãe de dois filhos. Entre os anos de 1993 e 1995 morou na cidade de Iturama trabalhando como empregada doméstica, mas resolveu voltar a trabalhar no que era dela passando a residir, então, na fazenda onde nasceu e foi criada. Entrevista realizada na cozinha da casa da mesma, no dia 08/01/04.

Dona Mariinha

Maria Augusta da Rocha Félix, 48 anos, casada, mãe de três filhos, paulista, mudou para Minas Gerais com 14 anos, a mudança foi frustrante porque teve que parar com estudos. Foi professora substituta por dois meses na escola rural construída provisoriamente nas

terras de seu pai. Sempre trabalhou em lavoura e fez tarefas do lar. Entrevista gravada na sala da casa da mesma em 08/08/03.

Senhor Antõe

Antônio Ferreira de Sousa, idade, casado, pai de três filhos, natural de Campinas – SP. Mudou-se para Minas Gerais com seus pais antes dos três anos de idade. Sempre trabalhou no campo, e as terras que possui atualmente foram herdadas do pai. Entrevista gravada no dia 10/08/03, na sala da casa do mesmo.

